ANO 15.º — LISBOA — SEXTA-FEIRA, 3 DE JANEIRO DE 1936 — N.º 4715

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O MISTERIO da Atlantida persiste, ao cabo de tantos seculos. Os dialogos de Platão, que criara o mito atlantico, ou, pelo menos, lhe deram uma forma verosimil, lançaram a humanidade inquieta, pelas suas «élites» da sabedoria e da imaginação, em acesa pugna.

Até á Renascença, as alternativas de credulidade e de negação mantiveram-se sob vagos esteios. Aquilo que Aristoteles classificou de novela de seu mestre — logrou subsistir.

Os portugueses e espanhois, descobrindo novos mundos, novas ilhas, restos de maiores continentes possiveis, deram novo alento ao mito, mas não desembrulharam o novelo das conjecturas, sobretudo de localização.

Um sábio do seculo XIX, Susemibl alvitrava que se fizesse um catalogo das mil e mil obras acêrca da Atlantida, pois seria essa a melhor contribuição para o conhecimento... da loucura humana.

E agora Alexandre Besstmerny apresenta «L'Atlantide Exposé des hypothéses relatives á l'enigme de l'Atlantide».

Ali se encontra tudo. Tudo, menos a certeza do lugar onde foi, a certeza da sua existencia. O mais que suficiente para se ajuizar da questão cientifica e se discorrer da verosimilhança das hipoteses contraditorias.

* * *

DA oportunidade do movimento patriotico levado a efeito pela Sociedade Historica da Independencia de Portugal para a compra, por subscrição nacional, do Palacio da Restauração falam eloquentemente os donativos que todos os dias chegam á séde daquela instituição. Este exemplo é sintomatico e reconfortante: — o Estado da India, por intermedio do seu ilustre governador, enviou a quantia de oitenta mil escudos para a ajuda do resgate da gloriosa Casa dos Almadas, onde se preparou o 1.º de Dezembro. Longe do continente — como se vê — o brilho da nossa tradição não se ofuscou ainda.

* * *

A FOLHA oficial publica o decreto, pela Presidencia da Republica, que exonera, a seu pedido, do cargo de sub-secretario de Estado das Corporações e Previdencia Social o dr. Pedro Teotonio Pereira, e nomeia para o mesmo cargo, interinamente, o dr. João Pinto da Costa Leite.

* * *

O ESCRITOR francês Paul Rozés publicou um livro, com este titulo — «Au Pays de Salazar», editado pelos «Annales de la Jeunesse Catholique de Paris. E' um estudo muito honroso para Portugal.

* * *

CUMPRIMENTAMOS o «Primeiro de Janeiro» pelo seu recente aniversario, desejando a quantos nele trabalham um novo ano feliz.

O Padre Antonio Vieira

em Genebra

Escuso de dizer que sou nacionalista para defender e salvar a individualidade que Deus me deu, e que se exprime em português como o peixe respira pelas guelras. Só isto. Nacionalista para me alargar, para ser homem integralmente. *Integralista* do meu ser na comunidade do mundo: portuguêsmente homem e humanamente português.

E' muito simples. Todas as outras maneiras mais ou menos engenhosas de proclamar a superexcelencia nacional no quadro do Universo dão vontade de rir aos de fora e vontade de chorar aos de dentro que têm dois dedos de juizo. Quando nos convencermos todos — mas compactamente! — desta verdade de tostão que nos salvaria do ridiculo e nos levaria um pouco adiante do Terreiro do Paço e do Chiado?

Este sermão levantou-se em mim a proposito de um prégador que, apesar de todos os defeitos da sua época e do seu caracter, encarnou um dos momentos mais felizes da universalidade portuguesa — momento que é ele proprio, o P.e Antonio Vieira.

E' claro que quem acaba de lêr isto teve vontade de rir. Quando eu era garoto e queria exprimir uma coisa ao mesmo tempo indefinida e ôca, trazia á baila «a viuva do P.e Antonio Vieira». Não sei quem me ensinou a pilheria. Sei que ela tem a mesma explicação psicologica da voga popular da maior parte dos nossos grandes homens, de quem uma anecdota, uma caracteristica, um nada (e quasi sempre dos mais rasos) fazem a chocarreira celebridade interna. Costumamos sepultar metodicamente o que nos engrandece a sete palmos de piada e esquecimento.

O P.e Vieira! Houve lá ninguem mais desfigurado do que esse homem de genio totalitario, que, tendo passado uma vida a forjar com o seu barro pessoal o espirito português, a Restauração, a liberdade e salvação dos indios, dos judeus e dos negros, a consciencia do Brasil e não sei quantos mais trabalhos de Hercules, ia morrendo enterrado na selecta de Caldas Aulette e em quinze lombos de *Sermões!*

Em vão Lucio de Azevedo lhe joeirou a vida e os escritos, reunindo-lhe as *Cartas*, que são um dos mais extraordinarios monumentos de humanidade em qualquer lingua, uma mensagem de vida e arte absolutamente tão válida como não importa que outro testamento literario celebre: de Montaigne, de Bossuet, de Balzac — «comedia humana» do seculo XVII (se lhes juntarmos o melhor dos *Sermões)*, ao mesmo tempo ficção, retrato, ensaio e memorias, poesia quando é preciso, e prosa sempre, enfim o tecido original e incorruptivel de uma alma e de uma época. Nem o pensamento ás vezes supersticioso e rasteiro, travado pela logica jesuitica e pelo conceptismo em moda, impediu essa obra de ser das coisas mais vivas que se fizeram em português. Mas vieram os gramaticos e os padres-mestres estragar tudo. Vieira é um deposito de tropos e um rincão para eruditos. E se nós o desenterrassemos?

Por esta exumação entendo um regresso de leitura a Vieira, ao seu cerne, áquilo que nele é perpetuo e independente do detestavel «bem falar» e «recto escrever» dos explicadores de estilo, dos Albalats da pobre literatura portuguesa, que, quando não está inçada de amadores ou de geniozinhos cheios de monco, cai inteiramente nas garras dos arqueologos e leiloeiros de livros. Tiremos-lhes das mãos Fernão Lopes, Gil Vicente, Camões, Vieira, Herculano, Garrett, Camilo e outros. Deixemos-lhes os uteis e copiosos verbetes (eu tambem guardo alguns), e ponhamos a alma desses homens ao alcance da rapaziada plumitiva, para que pense e sinta segundo o nosso tempo, mas em unissono com eles, que encarnaram o seu.

Aqui está um programa preliminar de bom nacionalismo. Artigo primeiro: abaixo o vernaculo de caixa de rapé! Artigo segundo: abaixo a estreiteza provinciana e todos os lugares selectos! Artigo terceiro: «abram as janelas; quero ver as arvores» (Herculano) — isto é, natureza, naturalidade, ar livre, cultura nacional consciente da propria tradição, permeabilidade ás conquistas gerais do espirito, cooperativa de leitura europeia e sensata exigencia de um lugar para o nosso país na leitura estrangeira e na historia geral das letras... Universalidade em português.

Veio isto a proposito... — do P.e Antonio Vieira. Como sabem, o velho foi diplomata, e dos mais raposos do seu tempo. Pois, á força de ouvir falar em Sociedade das Nações, e Etiopia, Italia, Laval, Hoare e mais ingredientes da paz, sonhei que o P.e Antonio Vieira tomara o expresso para Genebra, ocupara o lugar de Portugal na presidencia dos Dezoito e, querendo ser agradavel ao representante da Etiopia, que o era até certo ponto da Rainha de Sabá e de Axum, apaixonada por Salomão, retomou velhacamente a descrição da aranha segundo o rei dos proverbios: «A aranha não tem pés, e tem cabeça, e sabe muito bem o seu conto. Sobe-se mão ante mão a um canto dessas abobadas douradas, e a primeira coisa que faz é desentranhar-se toda em finezas. Com estes fios tão finos que a principio mal se divisam, lança suas linhas, arma seus teares, e toda a fabrica se vem a rematar em uma rede para pescar e comer». E logo, omitindo desenvolvimentos para não se tornar maçador e se adaptar ao relogio suiço da diplomacia moderna: «...depois que armaram os teares como tecedeiras, e as redes como pescadores, logo se descobre que toda a teia, por mais fina que parecesse, era urdida e endereçada a pescar, e não a pescar moscas».

O sr. Laval e o substituto do Barão Aloisi não gostaram, mas parece que o capitão Eden achou muita graça ao prégador. Nisto, acordei. Pela primeira vez na minha vida vi neve, uma neve fina e imaculada amortalhando os ciprestes e as oliveiras de Montpellier.

VITORINO NEMESIO

LEONARDO Coimbra, no meio restrito do pensamento português, era uma figura de muito relevo — pela sua obra, pela sua cultura cientifica e filosofica, pela sua ansiedade, perante o misterio da morte. A sua sinceridade, na marcha das idéas, era tal que os proprios adversarios nunca lha puzeram em duvida, embora dissessem:

— Afasta-se para um rumo onde só encontrará a guiar-lhe os passos, o sol da meia noite...

Ele seguia o seu caminho sem olhar para trás. Nem sempre conseguiu fazer-se entender dos seus leitores que o julgaram nebuloso, se não confuso. A sua resposta era esta:

— Para me fazer compreender, é necessario que me leiam sem pressa — ao mesmo tempo com o entendimento e o sentimento.

Numa terra onde predominam os sentidos, a razão encontra-se exposta á critica dos improvizadores e dos impressionistas.

Leonardo Coimbra foi algumas vezes interrompido nas suas longas meditações por perguntas inconsideradas:

— Porque não discursa, em vez de escrever?

Os admiradores da sua formosa eloquencia não apreciavam a sua filosofia, que mal entendiam.

Ele encolhia os ombros, como a querer significar:

— O homem que discursa está ao serviço do homem que pensa.

* * *

O PRESIDENTE da vizinha Republica, o sr. Alcalá Zamora, defendeu ontem, em Conselho de ministros, a necessidade duma maior aproximação, entre os dois povos peninsulares.

O «Diario de Lisboa» espera mais uma vez que os factos confirmem tão belas palavras.

Ha cinquenta anos para cá o problema das relações luso-hispanicas vem sendo encarado com as melhores intenções, pelos governos — de cá e de lá.

Quando se passará das intenções ás realizações?

Não será certamente Portugal, como recentes sintomas anunciam, que se recusará á confraternização tanto no terreno espiritual como no economico.

* * *

ENCONTRA-SE em Lisboa o sr. Almeida Moreira, ilustre director do Museu «Grão Vasco» e nosso presado amigo, que esta manhã visitou o «Diario de Lisboa».

* * *

PUBLICOU-SE agora, para garantia do titudo, o «Correio da Manhã».

O «Diario de Lisboa» de hoje é de 16 paginas, incluindo o Suplemento Literario

TEATROS E CINEMAS

A alegria de "Feira da Ladra"

Disse, recentemente, algures um grande filosofo moderno que a epoca que atravessamos não é para tristezas, porque toda a gente reclama alegria e bom humor, os unicos factores que podem dissipar o ambiente pesado e doentio em que se vive presentemente.

E porque o teatro é um dêsses factores, o publico procura nele apenas aquele que o pode divertir e alegrar, obrigando-o a rir durante algumas horas, despreocupadamente, desopilantemente. Assim, Feira da Ladra, *a nova comedia do Avenida, sobre ser um espectaculo digno do publico e da companhia Maria Matos, que o realiza brilhantemente, é uma comedia estupenda, uma farsa unica na maneira como obriga todos os espectadores a rir a bandeiras despregadas, num côro de gargalhadas sãdias, num arrôbo de alegria, capaz de curar todas as tristezas.*

E porque assim é, porque toda a gente já o adivinhou, o Avenida, com Feira da Ladra, *ha quatro noites que exgota completamente a sua colecção de bilhetes.*

Titta Ruffo, no Gimnasio

Dia a dia aumenta o interesse pela vinda a Lisboa do maior baritono do mundo, Titta Ruffo, que no proximo dia 10 realiza no Teatro do Gimnasio o seu anunciado recital. Trata-se, de facto, dum acontecimento artistico de invulgar relevo. O seu contrato é o mais caro que se tem feito em Portugal.

Os bilhetes estão á venda na bilheteira do Gimnasio.

Atrás do reposteiro

Para as proximidades do Carnaval, fazem-se negociações para a vinda a Lisboa de uma companhia espanhola de teatro musicado, que actuaria numa casa de espectaculos que ordinariamente funciona como cinema.

—Alves da Cunha projecta realizar a sua recita no Trindade, com a peça francesa *La Tendresse,* tradução do nosso prezado camarada Norberto Lopes, chefe da redacção do *Diario de Lisboa.*

—Realiza-se amanhã, no Apolo, a apresentação da nova companhia de revistas, que ali vai estrear-se este mês, com nova empresa, da qual já não faz parte o actor Rafael Marques.

—No teatro Jovellanos, em Oviedo, Espanha, faz hoje a sua estreia a companhia brasileira de Jardel Jercolis, que nesta cidade se demorará até o dia 8 do corrente.

—Realiza-se amanhã, no Apolo, o primeiro espectaculo ,com «Amor de Perdição», da serie que ali vão promover os Artistas Teatrais, numa só sessão, cada noite.

—A actriz Hortense Luz deve ainda esta temporada participar de uma companhia de declamação, interpretando, de entrada, um papel numa peça de grande espectaculo.

—O nosso camarada Aprigio Mafra entregou já a companhia Maria Matos a comedia «O Tio Rico», em que esteve trabalhando ultimamente e com a qual faz a sua estreia no teatro.

—Continua, todas as noites, a exgotar as suas lotações, o Variedades, no qual se mantém triunfante a opereta popular «Coração de Alfama», que se representa em duas sessões.

—Maria Matos, Assis Pacheco e Gil Ferreira, os três ferro-velhos, blasonando de grandes negociantes de Bric-á-Brac, são os três comicos irresistiveis da comedia nova do Avenida, «Feira da Ladra».

—No Maria Vitoria, ainda agora não fica um bilhete por vender, graças ao sucesso enorme que ali está obtendo a revista «Anima-te... Zé!», pela grande companhia Maria das Neves.

—A reaparição da distinta e gentil actriz Maria Cristina, no Maria Vitoria, far-se-á com a estreia, neste teatro, da comedia «A Rainha dos Mercados», nos espectaculos de Carnaval.

—Os cronistas mundanos Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, nossos camaradas de trabalho, efectuam a sua festa, este ano, no Gimnasio, na noite de 13 do corrente, com um brilhantissimo programa realizado pela companhia Lucilia Simões-Erico Braga.

—Despertou o maior interesse a noticia de que a empresa do Coliseu está em negociações para a vinda a Lisboa da Grande Orquestra Sinfonica de Paris, sob a direcção do eminente maestro Rhené Baton.

"A menina dos caracois", no Odeon e no Palacio

Do programa que os cinemas Odeon e Palacio agora exibem, com geral agrado do publico, fazem parte dois filmes absolutamente diferentes, nos seus motivos e nas suas intenções, mas ambos cheios de interesse e de real valor.

«Charlie Chan em Paris» é uma pelicula de ambiente policial, em que uma serie de situações misteriosas, preparadas por uma realização apropriada, prende a curiosidade do publico até final.

Warner Oland, que nos tem dado já algumas boas interpretações neste genero tão querido da mocidade, continua a manifestar nesta pelicula a sua natural tendencia para detective habil, sempre feliz no resultado das suas investigações, que se destinam através de tudo a solucionar um caso complicado e reparar um erro ou uma injustiça.

«A menina dos caracois», o outro filme dêste agradavel programa, é um pretexto admiravel para nos apresentarem Shirley Temple, num trabalho deveras notavel, em que a pequenina «estrela» confirma, de maneira segura, as excepcionais qualidades artisticas que possui. O seu papel, que é bastante trabalhoso, é representado com encantadora graciosidade que faz desta pelicula uma obra plena de alegria, claridade e ternura.

As suas dansas e canções comunicam a este filme a simpatia que a «Menina dos caracois» irradia naturalmente.—M. N.

Actualidades

O celebre tenor Jean Kiepura vai começar a filmar em Hollywood «O Conde de Luxemburgo», sob a direcção de Lubitsch. O seu primeiro contrato é de 155.000 dolares e o segundo dizem que será de... 200.000 dolares.

—Maurice Chevalier escolheu já, em Londres, a sua parceira para o proximo filme a fazer em Inglaterra. Chama-se Margaret Lockwood e tem 19 anos de idade.

—Donglas Fairbanks prepara activamente em Hollywood o seu proximo filme *Marco Polo.* A acção decorre na China e utilizará um *yacht*-estudio para os interios e para todos os trabalhos de laboratorio.

Eis uma nova moda de *yachting!*

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—«Madre Alegria»
Trindade—A's 21 e 30—«A menina enlouqueceu».
Avenida—A's 21 e 30—«Feira da Ladra».
Gimnasio—A's 21 e 30—«O Quitinho».
Variedades—A's 20 e 30 e 23—«Coração de Alfama».
Maria Vitoria—A's 20 e 45 e 22 e 45—«Anima-te... Zé!»
Coliseu—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«A Ultima Maravilha».

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli.—A's 21 e 30.
Politeama—A's 21 e 15.
Central.—A's 21 e 30.
Odéon—A's 21 e 15.
Condes—A's 21 e 15.
Olimpia—Das 14 e 30 ás 0.
Capitolio—A's 21.
Paris.—A's 20 e 45.
Chiado Terrasse—A's 21 e 15
Palacio—A's 21 e 30.
Royal-Cine—A's 21 e 30.
Salão Ideal—Rua do Loreto.
Jardim Cinema.—A's 21 e 15.
Belem-Jardim—A's 21.
Promotora—A's 21.

Café Luso

Previne a sua distinta e estimada clientela que, hoje, das 21 ás 0 horas, faz a sua reaparição o estimadissimo e aplaudido cantador Manoel Cascais, depois de uma ausencia de três anos no Brasil, onde tanto hourou Portugal, com a nossa linda Canção Nacional. Fazem parte do grandioso programa, os distintos artistas Berta Cardoso e Joaquim Seabra, que tão notaveis têm sido nas suas magnificas exibições. O Café Luso, é a grande sala das boas familias, da selecta clientela e da boa ordem.

Avenida da Liberdade, 31

Caminhos de Ferro Portugueses

Transportes entre Monção e Melgaço

No dia 6 de janeiro, é inaugurada, em serviço combinado com o caminho de ferro, uma carreira de camionetas entre a estação de Monção e a vila de Melgaço, onde será montado um despacho central. Este serviço—que é combinado com o sr. Manuel Inacio, de Monção—passa pelas povoações de Valadares (Minho), Penso e Pêso.

BOLSA DE LISBOA

3 de Janeiro

CONTADO

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 4 3|4 1934..	1.138$00	1.138$00	1.140$00
Consolidado 5 1|2 0|0 1933	1.088$00	1.088$00	1.089$00
» 4 1|2 0|0 1933	1.016$00	—	1.016$00
» 4 0|0 1934 ..	946$00	—	—
Externo 3 0|0 1.ª Sér. ...	1.570$00	1.570$00	1.575$00
» 3 0|0 2.ª » ..	—	—	—
» 3 0|0 3.ª » ..	1.575$00	1.570$00	1.580$00
Emp. 6 1|2 0|0 1912......	—	—	—
» 6 1|2 0|0 1930-Cons	—	508$50	509$00
» 6 3|4 0|0 1930-Portos	505$50	505$50	—
» 6 0|0 1932..........	—	—	—
Acções			
BANCOS			
Comerc. de Lisboa, port.	—	442$00	455$00
Lisboa & Açores, port..	—	381$00	388$00
Portugal, portador......	1.085$00	1.082$00	—
Espirito Santo...........	—	610$00	620$00
C.as DE SEGUROS			
Bonança	—	—	—
Fidelidade...............	—	16.000$0	16.500$0
Mundial	—	205$00	210$00
Nacional	—	695$00	—
Sagres	—	—	1.080$00
Tagus...............	—	—	965$00
C.as DIVERSAS			
C. P. ordinaria.........	—	68$00	72$00
» » privilegiadas	25$50	26$00	27$50
Aguas de Lisboa, port..	344$00	344$00	—
Cerveja Estrela	285$00	284$00	286$00
Cimentos de Leiria	—	—	—
Credito Predial	25$90	25$90	26$00
Gaz e Electricidade.....	344$50	331$00	334$50
Portugal e Colonias.....	67$50	66$40	66$60
Navegação	71$30	71$10	71$30
Portuguesa de Pesca....	248$00	247$00	249$00
» de Tabacos.	411$50	411$50	412$00
Tabacos de Portugal....	364$00	363$00	365$00
Tabaqueira	—	—	557$00
União Electrica Portug.	233$00	232$00	234$00
COLONIAIS			
Açucar de Angola.......	500$00	499$00	501$00
Busi—1.ª Emissão	28$50	28$00	—
» —2.ª »	—	25$00	28$00
Ilha do Principe	200$00	199$50	200$00
Obrigações			
C. P. 6 0|0	407$00	406$00	409$00
Prediais 6 0|0—1932.....	89$50	89$50	—
» 7 0|0	120$50	120$50	121$00
União Elect. Port. 7 1|2.	128$00	127$00	—
Busi 9 0|0...............	—	—	—
» 6 1|2 0|0............	—	—	—

Henrique de Barros Gomes

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa

Telef. 2 5482 **Rua S. Julião, 69**

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres......................	110$00	110$20
Paris	1$47,2	1$47,5
Madrid	3$05,2	3$05,1
New-York	22$32,0	22$36,1
Zurich......................	7$24,6	7$26,0
Roma	1$79,5	1$79,8
Bruxelas	3$75,6	3$76,5
Amsterdão	15$13,0	15$17,3
Berlim	8$96,8	8$99,2
Praga......................	$92,7	$92,9
Rio de Janeiro............	1$21,7	1$21,9
Libra ouro	—	—

Teatro Nacional

Telefone 20379

HOJE — A's 21 e 30 — HOJE

A peça cheia de ternura e graça

Madre Alegria

com ADELINA ABRANCHES — PALMIRA BASTOS e ESTEVÃO AMARANTE

AMANHÃ, ás 4 horas da tarde:

TEATRO PARA OS PEQUENOS

A HISTORIA DA CAROCHINHA

Sorteio dum lindo automovel para criança oferecido pela Empresa. O sorteio de sabado passado coube ao n.º 720.

FEIRA DA LADRA

Um assombro de graça e um mar de risota

HOJE

Soirée ás 9 1|2 h.

Três horas inteiras de gargalhadas

AVENIDA

Pela notavel COMPANHIA MARIA MATOS

GIMNASIO Telef. 2 8801 M E **Hoje ás 9 1|2**

O QUITINHO

O mais alegre cartaz dos teatros de Lisbôa

O QUITINHO

3 actos de comicidade maxima

O QUITINHO

— O grande espectaculo das multidões —

CORAÇÃO DE ALFAMA

Todas as noites duas sessões

VARIEDADES

Automoveis sem chauffeur

Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

PROGRAMAS DE HOJE

TIVOLI TELEF. 43151 — **Gangster á força** — com o popular MILTON, Hélène Perdrière e Françoise Rosay — A's 21 e 30

S. LUIZ 2.ª semana — **Os Ronseiros da India** — com os populares comicos LAUREL e HARDY (Bucha e Estica) — A's 21 e 30

CENTRAL Telef. 2 4381 — **Criado e senhor** — uma engraçada comedia com Paul Kenkels, Oskar Sabo, etc. — A's 21 e 30

CONDES — **Garota endiabrada (A descaradona)** — com Danielle Darieux, Albert Prejean e Lucien Barroux — A's 21 e 15 — TELEF. 2 2523

ODEON Telef. 2 6283 — **A menina dos caracois** — com a engraçada Shirley Temple — A's 21 e 15

POLITEAMA 3.ª e ultima semana — **As Cruzadas** — de Cecil B. de Mille com Loretta Young, Henri Wilcoxon, Ian Keith Katherine de Mule etc. — A's 21 e 30 — Telef. 2 6305

PALACIO — **Chalie Chan em Paris** — um filme policial com Warner Oland — A's 21 e 30 — Telef. 7163

PARIS — **O Heroi Publico n.º 1** — **Amantes Fugitivos** — Tel. 2 8777

TERRASSE — **Lanceiros da India** — **Canções dos Tangarás** — Ás 21 e 15 Tel. 2 0917

CAPITOLIO — **A Valsa do Adeus** — **Finanças do Amor** — **Shirley, rival de Tarzan** — A's 21 — *Preços populares*

JARDIM CINEMA as 20 e 45 — No domingo á tarde e á noite: **Só uma noite** — **O Rei do Circo**

ROYAL as 20 e 15 — Telef. 45037 — **O misterio da cidade** — **Fantasma**

LYS Telef. 48560 — ás 21 e 15 — **Lanceiros da India** — **Onde está minha mulher**

MATERIAL ELECTRICO
para automoveis
Preços especiais para revendedores
AVENIDA STAND L.DA
57, R. Jardim do Regedor, 59
Restauradores
LISBOA Telef. 2 5910

A Cidade

Dr. Mario de Almeida Oliveira
Clinica medica
Consultas das 18 ás 20
Consultorio: Estrada Bemfica, 246
Telefone 95 Bemfica

A homenagem a Mousinho

realiza-se amanhã

Tranferido por motivo do mau tempo, realiza-se amanhã, ás 14 horas, o descerramento da lapide mandada colocar pela Camara Municipal de Lisboa no predio n.º 64 da rua Sara de Matos, onde viveu o heroi de Chaimite e grande colonial Mousinho de Albuquerque.

Esta cerimonia fazia parte do conjunto de homenagens a prestar no passado dia 28 de dezembro á memoria do glorioso soldado das campanhas africanas e cuja iniciativa pertenceu ao municipio da capital, secundado pela Agencia Geral das Colnias e Sociedade de Geografia de Lisboa. No acto que amanhã, 4, se realiza, usarão da palavra o sr. presidente da Camara Municipal e o sr. general Vieira da Rocha, comandante da Arma de Cavalaria e antigo ajudante de campo de Mousinho de Abuquerque.

As honras militares serão prestadas por deputações de todas as unidades do governo militar de Lisboa, da Marinha, da G. N. R., da Guarda Fiscal e da P. S. P.

As delegações militares fazem-se acompanhar de estandarte e a do regimento de cavalara 7 da respectiva charanga, realizando-se no final da cerimonia o desfile em continencia por diante da lapide.

A homenagem será abrilhantada pela Banda de Sapadores dos Caminhos de Ferro.

MARINHA MERCANTE

Passa amanhã em Lisboa, na sua primeira viagem, o novo paquete inglês da Booth Line, «Anselm», de 6.000 toneladas, que ficará fazendo carreiras regulares entre a Europa e o norte do Brasil, com escala por Lisboa e pela Madeira.

Os agentes daquela Companhia, em Lisboa, oferecem a bordo um almoço á Imprensa.

SUFRAGIOS

Francisco Ramirez-Montesinos

Mandada dizer pelas colectividades espanholas de Lisboa, rezou-se hoje, ás 11 horas, na igreja de S. Domingos, uma missa por alma do ministro-conselheiro da embaixada de Espanha, sr. Francisco Ramirez-Montesinos.

Além dos representantes das referidas colectividades, assistiram os srs. D. José Crice, secretario da embaixada; D. Francisco Ramiero, consul geral; o consul sr. Saro, dr. Godoy, da Beneficencia Espanhola; dr. Forcado, da Camara de Comercio; dr. Carlos Pinto Ferreira, etc.

D. Maria da Gloria Carvalho Aguiar

Por alma da sr.ª D. Maria da Gloria Carvalho Aguiar, mandaram seus filhos rezar hoje, na igreja do Convento do Bom Sucesso, uma missa de sufragio, á qual assistiram numerosas pessoas amigas da ilustre extinta e de sua familia.

Embaixada de Espanha

Para substituir o falecido ministro-conselheiro da embaixada de Espanha, sr. Francisco Ramirez-Montesinos, foi nomeado o ministro de 3.ª classe sr. Amoedo y Galarmendi, que actualmente servia como consul geral em Sidney, na Australia.

Tem falta de dentes?
A sua colocação é uma cousa barata — Trabalhos modernos
Orçamentos gratis
Rua Morais Soares, 114, 1.º

Quere a sorte grande?
Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

PROBLEMAS DO MOMENTO

OLHEMOS PELA INFANCIA!

Crianças doentes . . . Uma consulta externa e uma enfermaria infantil . . . Recorda-se D. Pedro V . . .

Falar de crianças é sempre missão grata a uma mulher, sobretudo quando fala da criança pobre e doente, pequenina flôr que se abre para a vida e que, ao primeiro contacto com ela, começa a suportar o seu peso nos frageis ombros, e a sofrer as suas dôres que tantas vezes se prolongam em duras penas. E' com magoa que se vê sofrer um inocente sem lhe poder acudir, sem lhe poder minorar esse sofrimento, sem sequer se conseguir que um sorriso ilumine fugazmente a sua carita branca, dum branco mate e pálido...

A fim de sentir isto mais de perto, fui ao Hospital de D. Estefania e confundi-me com essas pobres mulheres que levam os seus filhinhos á consulta externa. E' confrangedor vêr tantos rostosinhos pálidos, boquitas que deviam ser rosadas constantemente contraídas num rictus de dôr, olhos onde as lágrimas estão prestes a saltar, não por uma rabinice infantil, mas pelo receio dum proximo e receado tratamento. Observo as mãis. Vêr uma é vê-las a todas: iguala-as o mesmo sentimento, avassala-as a mesma ansiedade, aproxima-as e torna-as irmãs na dôr a doença dos seus amados tesoiros, que elas desejariam erguer bem alto, em oferenda humilde ao altar de Deus e da Patria.

Aqui, nos braços duma, descansa — se é que é descansado este sono — um bébé, cuja cabecita cheia de caracois me lembra vagamente um anjo de Murillo. Que tem? Não sei. Sei que sofre e é suficiente... Mais além, uma outra traz aconchegada ao seio uma pequerrucha, que certamente já encheu de alegria a casa modesta de seus pais, hoje carregada de lagrimas, pela doença que nela se instalou.

Entro numa enfermaria. Ha ainda um vago ar da Festa do Natal e nos leitos brancos começam de novo a colorir-se as faces dos pequeninos, que se alegram para uns destroços, que devem ser de brinquedos... Aqui o ambiente é mais leve, se bem que desolador e deficiente. Felizmente que a criação dum serviço para substituir esta enfermaria, será uma realidade dentro em breve.

Tem este serviço o nome de D. Pedro V, em homenagem merecida e justa a esse rei bem-amado que tanto se interessou pelos que sofriam. Com a inauguração deste serviço, dá-se um passo, se bem que modesto, dentro do longo caminho a percorrer e do muito que ha a fazer pró-infancia. Salta á vista que o criterio a que obedeceu a construção deste novo serviço, foi o de não alterar a estetica do hospital—que era modelo no seu tempo—mas completamente deslocado da concepção moderna. Não critico nem a tal me atrevia. Noto unica e simplesmente que vamos muito devagar, pois que este pavilhão 1935 tem as mesmas linhas do de 1860...

No entanto é digno de menção este esforço com o qual muito beneficia a clinica infantil, e ele deve servir de estimulo á criação de muitos outros, onde os pequeninos possam receber os cuidados de que necessitam para recuperar a perdida saude.

Na Infancia de hoje, homens que amanhã servirão a Patria, devem estar fitos os nossos olhos e concentradas as nossas atenções.

MARIA TEREZA DE FREITAS

A Policia anda á caça dum Coelho

que roubou 4 aparelhos de telefonia

Um individuo chamado Antonio Duarte Coelho de Lacerda, com morada na rua Tomás Ribeiro, 86, 1.º, apresentou-se ha dias na séde da firma Castro Costa & Brito, Limitada, rua da Conceição, 35, e disse o seguinte:

—Uma senhora francesa das minhas relações, tem um automovel; e precisa, para ele, de uma telefonia. Tem ai coisa que lhe sirva?

Claro que havia coisa que lhe servisse. E então, logo ali se ajustou por 1.750$00, á condição de experiencia, um aparelho de T. S. F. capaz de meter o mundo inteiro no automovel da senhora.

Coelho de Lacerda levou o traste, combinado que á noite iria um empregado da casa fazer as demonstrações reclamativas; e o vendedor despediu-se a esfregar as mãos de contente.

A' hora acertada, porém, quando o empregado experimentador apareceu, a senhora francesa, dona do automovel e aspirante a radicfila, tinha sido vitima dum desastre.

Tinha dado um trambolhão, e estava numa casa de saude, com uma perna partida.

—E agora?

—Agora... nada feito. O senhor leva o aparelho, e, quando a senhora tiver melhorado...

Optimo. Ficou assente que na manhã do dia seguinte seria a telefonia restituida e o empregado despediu-se absolutamente confiado, a fingir que desejava as melhoras á senhora.

(Vá lá uma pessoa desconfiar de pessoa tão correcta em seus negocios!)

Mas o Coelho nunca mais apareceu. Nem ele, nem o aparelho da experiencia. E quando o caso foi participado á Policia já a senhora francesa tinha partido quatro pernas, tantas quantos os receptadores levados de varias casas de especialidade por aquele novo processo de burla.

Andam agora dois agentes da P. I. C. á caça do Coelho para o ajuste de contas que se impõe.

Antonio Belo

Deu entrada num dos quartos particulares do hospital do Rego, por ter sido mordido por uma mosca de carbunculo, o nosso amigo sr. Antonio Belo, cujo estado, felizmente, já não inspira cuidados devido á presteza e á eficacia dos socorros que lhe prestaram.

Semana do Ultramar Português no Brasil

A Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro, cuja benemerita acção de propaganda e defesa da nossa obra colonizadora e de aproximação luso-brasileira não é nunca de mais encarecer, dirigiu-se a tôdas as entidades oficiais e organismos particulares com intervenção na nossa actividade ultramarina, solicitando a sua cooperação para a *Semana do Ultramar Português*, que se propõe realizar no proximo mês de maio.

O programa da *Semana* é o seguinte:

a) Exposição de mapas, fotografias, graficos, dados estatisticos, livros, revistas e outras publicações sobre o nosso Ultramar;

b) Conferencias publicas sobre temas coloniais por eminentes brasileiros, entre os quais o general Moreira Guimarães, presidente da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, almirantes Artur Thompson e Americo Silvado e dr. Evaristo de Morais;

c) Palestras radiofonicas de divulgação de questões e assuntos coloniais;

d) Publicação diaria do Boletim da Sociedade.

De crer é que a patriotica iniciativa da Luso-Africana mereça o apoio não só do ministerio das Colonias e dos governadores das provincias ultramarinas, mas tambem de todos os organismos que na Metropole e no Ultramar têm por objectivo a propaganda e defesa do nosso Ultramar ou aos quais tal objectiva interessa.

UM RECURSO ATENDIDO

Tendo o ministro da Marinha indeferido o requerimento em que o 2.º sargento Artur Alfredo Dias pedia que lhe fôsse reconhecida a situação de grande invalido de guerra, o requerente recorreu para o Supremo Tribunal Administrativo, o qual revogou o despacho ministerial, dando provimento ao recurso e determinando que seja reconhecida ao requerente a situação de grande invalido de guerra.

Para combater o analfabetismo

VILA COVA (Penafiel), 1.—Com o fim de combaterem, de modo eficás, o analfabetismo, resolveram os professores primarios desta região, começar a aplicar, ao partir do novo periodo lectivo, multas aos pais das crianças recenseadas e não matriculadas e ainda aos daquelas que, estando matriculadas, frequentam a escola muito irregularmente.

E' de crer que, com a entrada em vigor desta acertada decisão, alguns resultados práticos se registem.

Desastre no trabalho

MOGOFORES, 31.—Ontem, quando Francisco de Matos, jardineiro, do vizinho lugar da Malaposta, tentava rachar um velho tronco de arvore, por meio de uma explosão de polvora, deu-se uma explosão inesperada que o feriu gravemente no rosto.

O perigo das armas de fogo

Faleceu hoje, no hospital de S. José, onde dera entrada ontem, gravemente ferida, Maria Barros Vilhena, de 19 anos, de Ervidel, que fôra atingida por um tiro de espingarda «Flaubert», disparado involuntariamente por um menor, irmão da vitima.

Para os nossos pobres

Para os pobres nossos protegidos, recebemos de D. S. L., três gôrros, e de «Uma mãi», em memoria de um filho querido, varias roupas.

Os nossos agradecimentos.

José Vilan Covelo, Lda.
GRANDES ARMAZENS DE VINHOS
R. Fernandes Tomás, 24
HOJE, inauguração de venda de VINHO NOVO, o melhor do Mercado, recebido do lavrador.

TIVOLI: Um filme de gargalhadas!
Gangster á força
com o grande actor cómico George Milton
A seguir: JEAN KIEPURA em
Amo todas as mulheres

São Luiz: 2.ª semana! O melhor filme para rir!
OS RONCEIROS DA INDIA com LAUREL & HARDY
A seguir: A ILHA DO TESOURO, com Wallace Beery e Jackie Cooper

Um desfalque de 100 contos

Foi preso o "chauffeur" que conduziu o infiel funcionario a Viana do Castelo

O director adjunto da P. I. C., sr. dr. Abranches Martins, e o chefe Pereira dos Santos, estiveram durante o dia de hoje a ouvir varias pessoas sobre o desfalque de cem contos praticado pelo chefe da secção dos serviços de contabilidade da Escola Superior de Medicina, Anibal Padrão, caso a que ontem nos referimos.

Foi detido o «chauffeur» Carlos José das Dores, empregado do infiel contabilista, que declarou ter levado o patrão em automovel, para Viana do Castelo, dias antes da policia saber do desfalque.

Anibal Padrão transformara a garagem da escola, que se destinava sómente a recolha dos automoveis dos professores, em estabelecimento seu, onde eram feitas vendas e compras de carros.

E, como se isso não bastasse, transformou tambem uma das dependencias da secretaria em escola de dactilografia, onde iam varias pequenas aprender a escrever á maquina, chegando a enamorar-se de algumas e a viver em mancebia com elas.

Entre as pessoas ouvidas hoje pela Policia figuram algumas das candidatas a dactilografas, assim como alguns empregados e amigos do infiel funcionario.

E' já o segundo desfalque que se dá na Escola Veterinaria, além de outros furtos de pequena monta que ali se têm praticado.

Segundo a Policia averiguou, o Anibal Padrão não saiu de Portugal, pelo que se presume que esteja escondido em qualquer ponto da provincia. Foi pedida á Policia Internacional e a todas as outras autoridades do país a prisão do autor do desfalque em qualquer ponto onde seja encontrado.

O PORTO pelo telefone

A morte do dr. Leonardo Coimbra

PORTO, 3.

A morte do sr. dr. Leonardo Coimbra, ilustre homem publico e notavel cientista, causou nesta cidade, como era de prever, uma profunda consternação. A' sua residencia da rua Antero do Quental têm afluido numerosas pessoas que desfilam comovidamente ante o seu cadaver.

A' cabeceira do ataude ergue-se um crucifixo em prata, por cima do qual está colocado um quadro representando Santa Terezinha do Menino Jesus. A urna está coberta de flores. Rodeiam-na constantemente turnos de estudantes, alguns dos quais choram sentidamente.

Têm sido recebidas centenas de telegramas de condolencia, entre os quais salientamos os das seguintes pessoas: comandante Mesquita Guimarães, ministro da Marinha; Carlos Malheiro Dias, Virgilio Correia, Hernani Cidade, José Avilez, coronel Costa Santos, presidente da Camara de Amarante, etc.

O funeral realiza-se amanhã, ás 15 horas e 30, sendo rezados responsos na igreja da Lapa, em cujo cemiterio o cadaver será provisoriamentet depositado em jazigo de familia, devendo em breve seguir para Lixa, terra da naturalidade do dr. Leonardo Coimbra.

Metralhadoras para as colonias

de Angola e Moçambique

De Copenhague seguiram directamente para Luanda e Lourenço Marques, as remessas, num total de 250 metralhadoras, encomendadas pelo governo português para refôrço das guarnições de Angola e Moçambique.

Os capitães srs. Nunes da Silva e Bacela Martins que foram a Dinamarca inspeccionar e receber aquele material, já regressaram a Lisboa.

Barbosa & Costa L.da
Apresentam grandes colecções, com as mais recentes novidades, em **"PAPEIS PINTADOS"**, a **preços sem competencia.**
Largo R. Bordalo Pinheiro, 7 a 11
Telefone **23562**

Está a ser julgada

na Boa Hora

uma quadrilha de burlões

No primeiro juizo criminal começou esta tarde o julgamento duma quadrilha de malfeitores composta por José Antonio Gumerzindo Fernandes Costa, com duas condenações por abuso de confiança; Artur França, ex-sargento do Exercito, com três condenações por furto e burla; Luiz Francisco Rodrigues, com uma condenação por furto, e Luiz Fernandes de Lencastre Sotto Mayor de Oliveira, com cinco condenações por burla e furto. O primeiro e ultimo intitulam-se guarda-livros e o terceiro empregado comercial.

Os quadrilheiros, segundo o libelo acusatorio, estão implicados em varias burlas, num total de dezenas de contos. Usavam dos processos mais engenhosos para levar a bom terreno as suas proezas.

O Fernandes Costa tão depressa era 1.º tenente da Armada como engenheiro; o Artur França, ora era socio de varias firmas, ora medico.

Compareceram dezasseis queixosos, entre os quais figuravam representantes de bancos e casas bancarias, socios de firmas de Lisboa, duma joalharia, estabelecimentos de fazendas, etc. Compareceu tambem uma senhora de quem o Costa se enamorara. Autorizado a entrar em casa, o larapio pertendia sequestrar a declarante, visto ela ter joias valiosas que levou para serem modificadas, não aparecendo mais.

As testemunhas de acusação e de defesa são em numero de cinquenta.

Presidiu o sr. dr. Pedro da Albuquerque, estando a defesa entregue aos srs. drs. Ramada Curto, Acacio Leitão, Vasco da Gama e Gracio Ribeiro.

Sobre a mesa do escrivão Hydalgo estavam dezassete volumosos processos com a documentação necessaria.

Os reus, no primeiro julgamento que, ha tempo, foi adiado, deram como testemunhas de defesa com o fim de protelar o julgamento, individualidades em destaque.

Feita a chamada das testemunhas, três apresentaram atestado medico; outras faltaram por se desconhecer o paradeiro, uma falecera já, e varias não justificaram a falta.

Os advogados entergaram as suas contestações, nas quais uns confessam, em parte, os delitos que lhe são atribuidos confiados como estavam em satisfazer as suas contas em devido tempo.

Os reus Luiz Francisco Rodrigues e Luiz Fernandes de Lencastre Sotto Mayor de Oliveira, fôram classificados pelo delegado do Ministerio Publico como cumplices e os restantes como autores.

A primeira testemunha de acusação foi o sr. Francisco Vieira, empregado de uma firma lesada, afirmando ter falado com o Fernandes Costa que se dizia engenheiro, o qual fez varias compras do que havia de melhor na loja. Uma vez, na moradia dos quadrilheiros, receberam os artigos e pagaram com um cheque que se verificou não ter cobertura. Quando voltou á mesma morada, já não residiam ali os burlões.

A audiencia continua, devendo terminar amanhã.

I CONFERENCIA ECONOMICA

do Imperio Colonial Português

Para constituir a delegação metropolitana a I Conferencia Economica do Imperio Colonial Português, fôram nomeados os srs. Pedro Tovar de Lemos, ministro plenipotenciario de 2.ª classe, pelo ministerio dos Negocios Estrangeiros, que servirá de presidente; Henrique Mesquita de Castro Cabrita, pelo ministerio das Finanças; Joaquim Anselmo da Mata Oliveira, capitão de mar e guerra, pelo ministerio da Marinha; Luiz Antonio Pereira, pelo ministerio do Comercio e Industria; Miguel Horta e Costa, pelo ministerio do Comercio e Industria; José Penalva Franco Frazão, pelo ministerio da Agricutlura, e Manuel Saraiva Vieira, pelo ministerio da Agricultura.

A GUERRA ENTRE A

Espera-se que o presiden

a proibição de todos os credito

(Serv

NOVA YORK, 3.—(Via Easte dade as declarações que o presidente que vai ser radiodifundido por tod

Roosevelt dará hoje a conhecer problema da aplicação de sanções mente em grande parte, a decisão o assunto.

O jornal «Washington Post» p esclarecer a opinião publica america Abissinia a sua vitima perante as no obter da nação um «bill» que autori do achar necessario as exportações guerra, incluindo carburantes e algo

Segundo o «New York Times» trições, anunciará a proibição de to rantes, aplicando por esta maneira até agora foram decretadas.

A opinião publica americana favoravel a esta atitude que se prev actual como a futuras guerras prov ter).

O conflito entrou numa fase decisiva por se aproximarem as resoluções graves

PARIS, 3.—O bombardeamento do posto sueco da Cruz Vermelha continua a suscitar comentarios em toda a Imprensa.

Alguns jornais da direita dizem que se exagera o facto, para o explorar como arma contra a Italia. Assim o «Echo de Paris» escreve: «E' inutil dizer que os italianos mereceriam a reprovação universal, e não teriam perdão, se tivessem, de proposito, deitado bombas sobre o hospital. Contudo é pouco provavel que as coisas assim se tivessem passado. Avaliando apenas por informações sumarias e sujeitas a caução ha homens que querem alargar o conflito, tentar provocar uma violenta reacção sentimental contra a Italia e acusá-la de «barberie». Tentam, esses homens, levantar contra ela a consciencia do mundo e fazer pressão na S. D. N. para que esta agrave as sanções. Dirigimo-nos á razão e ao sangue-frio dos nossos compatriotas. O conflito italo-etiope entrou numa fase critica, visto aproximarem-se as decisões graves. Atenção ás falsas noticias! Trata-se de, por todos os meios mobilizar as consciencias, depois do que viria a mobilização dos homens. Atenção!»

Blum, no «Populaire», escreve: «Que mais ou menos bombas tivessem caido na ambulancia sueca, que elas tivessem feito mais ou menos vitimas, em que pode esse facto deminuir a gravidade dos acontecimentos? O bombardeamento deu-se, foi reconhecido e confessado. Ninguem pode duvidar que a mais antiga e mais sagrada das convenções internacionais foi violada! A confissão dos italianos tem mesmo uma forma, a mais frizante e mais revoltante duma justificação. A corrente de revolta engrossa, de hora para hora, e em breve terá a amplidão do que se chama a consciencia internacional, isto é, provocará o julgamento dos homens probos, escrupulosos e generosos de todos os países. Os grandes movimentos da consciencia internacional varrem o pretenso realismo dos homens de estado e as suas combinações pueris. As bombas de Dolo terão a sua resposta em Washington e Genebra».—(Havas).

Está moribundo um dos suecos sobreviventes do ataque italiano

(Serviço especial para o «Diario de Lisboa»)

ADDIS-ABEBA, 3. Dum correspondente de guerra. (Via Eastern).—Saíram hoje desta capital, em direcção a Yergaal, dois aviões da Cruz Vermelha, um etiope e outro sueco, que ali devem lançar, por meio de paraquedas, dezenas de quilos de medicamentos. Depois dirigir-se-ão a Dolo, a fim de recolherem os dois medicos da Cruz Vermelha sueca que foram feridos no bombardeamento levado a efeito pela aviação italiana.

Consta que uma das vitimas, o dr. Hylander, que chefiava a ambulancia sueca, se encontra em estado desesperado, receando-se que morra antes de chegar a esta capital.—(Reuter).

Segundo os italianos, o bombardeamento da C. V. é uma medida de represalia

ROMA, 3.—O «Popolo d'Italia» escreve hoje que o «bombardeamento da ambulancia sueca da C. V. foi uma justa medida de represalias. Os barbaros, acrescenta, devem ter o que merecem. Se as tendas suecas foram atingidas, esse é um facto que entra nos riscos de todas as guerras, mas não esqueçamos que os abexins, perfidamente, abusam dos sinais da C. V. para abrigarem chefes, tropas e mesmo metralhadoras. Entre os etiopes ha brancos que guiam os barbaros e assumiram o papel humilhante dum mercenarismo vergonhoso. Os socialistas da Suecia, por espirito anti-fascista, arvoram bandeiras enlutadas.

Especulação truanesca». O jornal ter mina dizendo: «Os projecteis «dum dum», e a decapitação de prisioneiro humilham a civilização. A Italia casti gará e aniquilará esses negreiros san guinarios».—(Havas).

As organizações fascistas protestar contra a barbaria abexim

ROMA, 3.—O aviador Tito Minnit decapitado pelos etiopes, pertencia Juventude Fascista de Reggio de Ca labria. Ao ser conhecida a noticia d sua morte, as organizações fascista locais içaram as suas bandeiras «er sinal de protesto contra a barbari dos abexins e contra os seus protecto res da S. D. N.». O pai de Minniti, qu já perdera um filho na Grande Gue ra, declarou que está pronto a ofere cer os seus quatro filhos para a gra deza da Patria fascista.—(Havas).

Militares italianos que se passar para o lado dos abexins

(Serviço especial para o «Diario de Lisboa»

DESSIE', 3. (Dum correspondent de guerra. (Via Eastern).—Confirma-s que continuam a desertar numeroso soldados do exercito italiano.

Segundo consta, só nas ultimas 2 horas, apresentaram-se nas fileira etiopes, com o respectivo armament seis oficiais e doze sargentos «asc ris» e cento e vinte cinco soldados er trenses.—(Reuter).

A lei de neutralidade americana

WASHINGTON, 3.—Depois da co ferencia que Hull teve com os alt funcionarios do Departamento do E tado, Reynolds e Pittman, estes decl

Guerreiros abissinios que partem de Ha em frente da igreja de São Miguel,

A ITALIA E A ABISSINIA

...ente Roosevelt anuncie hoje

...tos e emprestimos aos beligerantes

(Serviço especial para o «Diario de Lisbôa»)

...stern).—*Aguardam-se com verdadeira ansie-... ente Roosevelt fará esta noite no seu discurso ... toda a America.*

...ecer a atitude dos Estados Unidos perante o ... s dos carburantes, da qual dependerá certa-... ão que a Sociedade das Nações tomar sobre

...» prevê que Roosevelt não vai limitar-se a ... ricana sobre se a Italia é «país agressor» e a ... novas leis da neutralidade, mas sim procurar ... torize o presidente a restringir, como e quan-... s para os países beligerantes de material de ... lgodão.

...es», o presidente Roosevelt, além destas res-... todos os creditos e emprestimos aos belige-... ra as mais severas e completas sanções que

...a mostra-se, com pequenas excepções, muito ... revê, como unica capaz de pôr fim não só á ... rovocadas pelos regimes imperialistas.—(Reu-

... ter-... um-... eiros ... asti-... san-... raram que a lei de neutralidade, aprovada pelo governo, será hoje apresentada na Camara dos Representantes e provavelmente no Senado, na proxima segunda-feira.—(Havas).

... stam

Os alemães dizem que a Inglaterra está segura do auxilio francês

... niti, ... a á ... Ca-... da ... stas ... «em ... aria ... eto- ... que ... uer- ... fere- ... ran- ...).

BERLIM, 3.—«A fronteira britanica continua a estar no Reno?» preguntam os jornais alemães, os quais põem em duvida que as combinações de caracter militar franco-inglesas sejam compativeis com o Pacto de Locarno. O «Boersen Zeitung» vê na redução das taxas do premio por ameaças de guerra um sintoma de que a Inglaterra está segura do auxilio francês, e sugere que a esse auxilio correspondam concessões á segurança francesa. O «Lokal Anzeiger» entende que os preparativos militares não parecem «corresponder ás palavras de reconciliação dirigidas á Alemanha, por cima do Reno e da Mancha. Seria melhor uma conservação directa franco-alemã». A «Germania» friza que «seria reconhecer mal a estrita neutralidade do Reich no conflito abexim, fazendo-lhe pagar as despesas politicas». —(Havas).

... sam

... boa»)

... lente ... na-se ... rosos

... s 24 ... eiras ... ento, ... asca- ... s eri-

... ana

... con-... altos ... o Es- ... iecla-

Misteriosos letreiros anti-italianos colocados nas ruas de Port Said

PORT SAID, 3.—Durante a noite, foram afixados, não se sabe por quem, nas principais ruas e lugares mais centrais desta cidade letreiros com os seguintes dizeres: «Italianos: desconfiai de Mussolini. O ouro arrancado ás vossas algibeiras servirá para que mais tarde os vossos filhos sejam escravos».

O pessoal do consulado italiano apressou-se a arrancar das paredes aqueles letreiros.

Reina entre a colonia italiana, residente aqui, o maior descontentamento por aquele facto.—(United Press).

Os cruzeiros ingleses de 1936 não incluem os portos italianos

LONDRES, 3.—Varias companhias britanicas de navegação anunciaram que, durante os seus cruzeiros de 1936, vão deixar de tocar nos portos italianos, em consequencia dos continuos e violentos ataques feitos á Inglaterra pela Imprensa de Italia.

A «Peninsular Oriental Line» e outras companhias inglesas de navegação afirmam que deixam de fazer escalas por aqueles portos, a fim de evitar aos passageiros ingleses a humilhação de serem vitimas de manifestações anti-britanicas.—(United Press).

Soldados italianos que desertam

VIENA, 3.—Varios jornais continuam a noticiar que numerosos soldados italianos se refugiam em territorio austriaco, desertando das fileiras a fim de não serem incluidos nos contingentes de tropas que seguem para a Africa Oriental.—(United Press).

Os negros da Africa do Sul estudam a situação criada pelo conflito

(Serviço especial para o «Diario de Lisbôa»)

BLOMFONTEIN, 3. — Reuniram-se nesta cidade, em congresso, cerca de 400 representantes de todas as raças indigenas da União Sul Africana, que denominada «Convenção Nacional de toda a Africa», a fim de apreciarem a situação criada aos indigenas de Africa pelo conflito italo-etiope.

O Congresso aprovou numa moção de protesto contra a invasão italiana na Abissinia, que classifica de «guerra de tirania e saque».

A mesa da convenção foi encarregada de apresentar um protesto na Sociedade das Nações, afirmando-lhe o apoio de todos os indigenas sul-africanos para que sejam aplicadas todas as sanções contra a Italia, até mesmo sanções militares, para que a guerra termine sem delongas e seja evitado um mal maior.

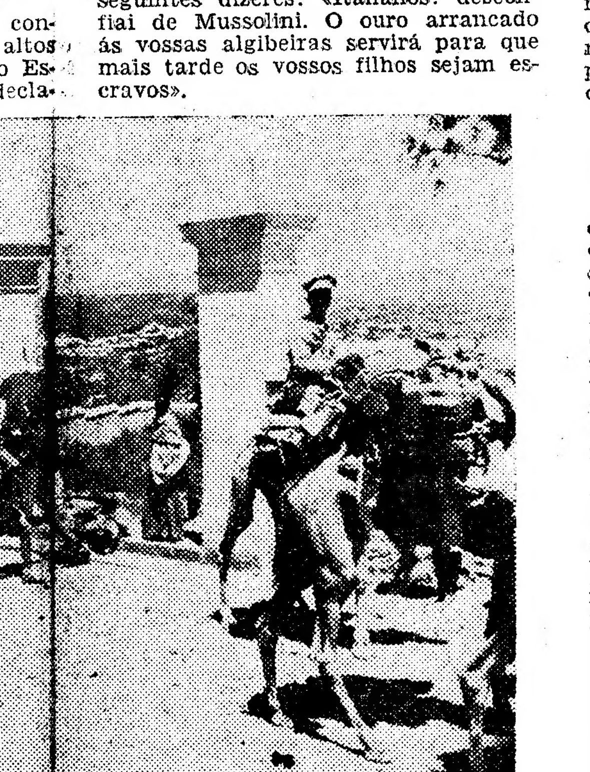
O Congresso aprovou ainda uma proclamação que vai ser dirigida a todos os africanos, na qual se aponta o perigo a que o continente africano está sujeito pela acção imperialista da Italia, que pode dum momento para o outro, transformar-se numa verdadeira guerra imperialista o que seria de todos o maior perigo, pois representaria a escravidão e o atrazo da civilização em Africa.—(Reuter).

A Suecia diz que a Etiopia não tem artelharia anti-aerea

(Serviço especial para o «Diario de Lisbôa»)

ESTOCOLMO, 3.—Desmente-se aqui que tenha sido recebida qualquer encomenda de canhões anti-aereos para a Abissinia, afirmando-se que não existem ainda baterias dessa categoria em poder dos etiopes, que são forçados a defenderem-se dos ataques aereos com metralhadoras que têm um dispositivo especial para fazerem tiros verticais e peças «Pom-Pons» cujo alcance vertical não vai além de mil metros.

Deve ser esta a razão que tem permitido aos aviadores italianos levarem a efeito, com exito, alguns dos seus «raids» aereos—que seriam impossiveis caso os etiopes possuissem baterias anti-aereas e artelheiros especializados.—(Reuter).



...Harar para a frente de batalha, com os seus camelos, ...ruel, seu patrono, ao qual dirigem as suas orações.

RETIRO DA SEVERA
R. Antonio Maria Cardoso, 5
Telef. 23071
Solo de viola por
Alfredo Costa
Maria Luiza
José Porfirio

NOTA INTERNACIONAL

Bruxelas é, ha muitos anos, um dos grandes postos de observação internacional. Deve mesmo considerar-se a par do Vaticano, uma posição privilegiada.

Em 1913 a côrte belga teve informações preciosas sobre as intenções agressivas da Alemanha. Foram dadas directamente pelo kaiser ao rei Alberto, depois dum jantar historico em que o neurastenico de Moltke abriu, pela inconfidencia militar, o caminho á inconfidencia diplomatica. O governo francês, avisado, estabeleceu um contacto mais estreito com Londres. Pode dizer-se que a guerra começou nesse dia famoso. A Europa entrou de viver no meio de armas, para empregar a expressão consagrada por Poincaré.

As medidas complementares tomadas pelos futuros aliados, votação da lei dos três anos em França, aperfeiçoamento das convenções militares anglo-francêses e do acôrdo naval anglo-russo, organisaram o mecanismo que devia suportar o choque dos cinquenta corpos do exercito germanico.

Estes episodios, decisivos para a evolução da politica europeia nesse periodo agitado e confuso, mereceriam uma recordação mais pormenorizada na hora em que Leopoldo III faz a sua segunda visita á côrte inglesa.

A acção pessoal de Jorge V aparece restringida por uma tradição politica e constitucional que não suporta intervenções exageradas ou tendenciosas. O caso recente do ministro Eden ahi está para ilustrar essa verdade, que anda presente no espirito de quantos conhecem a historia do actual monarca britanico.

Igualmente aparecem muito reduzidas as possibilidades de acção de Vitor Manuel cujo nome está ligado á queda do gabinete Facta e ao advento do fascismo. Mas é provavel, é mesmo quasi certo, que o contacto estreito e directo, entre elementos das casas reinantes interessadas na marcha do conflito italo-abexim, forneça elementos de informação e de critica que a diplomacia, o poder politico e a representação parlamentar aproveitarão com utilidade.

Quem não se lembrará, a proposito, das démarches do principe Sixto de Bourbon e do apelo desesperado do ultimo imperador austriaco, arrazado pelos sarcasmos de Clemenceau numa sessão da Camara em que a paz foi desdenhosamente posta de parte?

O cruzeiro aéreo ás Colonias

Depois do telegrama que ontem publicámos, anunciando a aterragem normal em Fort Lamy, no dia 31 de dezembro, dos oito aviões militares do Cruzeiro ás Colonias, nenhuma outra noticia dos aviadores portugueses chegou a Lisbôa, até á hora de fecharmos o nosso jornal.

De Fort Lamy a Luanda — «terminus» da segunda parte da viagem — as «étapes» previstas eram: Fort Lamy-Fort Archambaud (500 quilometros), Fort Archambaud-Bangui (600), Bangui-Coquilhatville (650), Coquilhatville-Leopoldville (700) e Leopoldville-Luanda (600).

CAMARA CORPORATIVA

A Camara Corporativa reuniu hoje em sessão plenaria, sob a presidencia do sr. general Eduardo Marques, secretariado pelos srs. dr. Carlos Azevedo Mendes e Guilherme Otero Salgado, para a comissão de verificação de poderes dar conhecimento do parecer acêrca da eleição do sr. dr. Antonio Terra como novo representante dos municipios dos Açores, em substituição do falecido conselheiro Fernando Costa. Aprovado o parecer, foi nomeada uma comissão que, composta pelos srs. dr. Ivo Cruz, Enes Trigo e Fausto Basso, introduziu na sala o novo procurador.

Encerrada a sessão, reuniram as secções 1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª, 15.ª, 18.ª e 23.ª, estas duas ultimas em conjunto, e todas para escolha de relatores para os pareceres acêrca da reforma do Codigo Administrativo.

Reuniram tambem a 10.ª e 12.ª secções, para nomeação de relatores para os pareceres acêrca dos projectos do dr. Saudade e Silva que tratam da obrigatoriedade do seguro de automoveis no que se refere á responsabilidade civil.

Uma exposição retrospectiva

das estatuas e desenhos do escultor Anjos Teixeira

Anjos Teixeira, glorioso estatuario de vibrante sensibilidade romantica, que a morte arrebatou no momento exacto da sua perfeição artistica, parece ressurgir através desta exposição ciclica da sua obra, onde ha clarões de beleza e notas de ternura, criações fantasticas, estuantes de talento, quasi malditas de genio, e arroubos poeticos, da mais funda e enternecida emoção. Fizeram bem os seus amigos e discipulos em não deixar «morrer» definitivamente, no esquecimento, por vezes, mais pesado que a pedra do tumulo, artista de tão grande vulto, que tão maravilhosamente assinalou a sua carreira, fazendo do trabalho um acto de amor e de devoção. A galeria, que se pode considerar um verdadeiro museu, reune mais de duzentas esculturas e desenhos. Vê-se que Anjos Teixeira traçou o seu destino sem influencias estranhos. Isto não significa que desdenhasse os mestres, apenas, que não precisou deles para abrir na fragua viva da sua emoção, uma nascente alta e cristalina de beleza, do mais limpido veio lusiada.

Para o definir mais precisamente, ha que dizer do seu romantismo cheio de ficções, do seu amor pelas fainas rudes do povo e da graça com que interpretava o modelo feminino. Entre os seus melhores monumentos figuram o de Camilo que vai ser erguido no Campo dos Martires da Patria, evocação espantosa, duma soberana grandeza, onde se projectam todas as grandes figuras criadas pelo mestre da lingua, e uma Nossa Senhora do Bom Conselho, primeiro premio dum concurso, que pena é, de tal maneira se sente o arroubo mistico, ue não seja aproveitada para um dos nossos santuarios, que tão desfeados andam. Bustos cheios de caracter, onde o artista probo não transigiu com o «genero encomenda», figurinhas de bronze, duma esveltez e duma delicadeza insuperaveis, bem como algumas estatuetas, de nobre estilo marcam, expressivamente o valor do grande artista, que parecia humedecer o barro com as lagrimas da sua emoção, tornando-o tão ductil como a chama. Vê-se que naqueles blocos de marmore, que a inspiração em tumulto, por vezes, em genese, talhou—a materia se converteu em carne, duma estranha palpitação.

Ha nesta galeria uma serie assombrosa de desenhos, feitos de intimidades visuais, ao capricho dos dias, que lembram pela sugestão satirica, as «goyescas», existentes no museu de Prado. Anjos Teixeira, sem testemunhas, em meia duzia de traços duma flagrancia aguda, por vezes com o mordente incisivo dum bisthuri, traçou um formidavel documentario hmano, que, por vezes, assume aspectos de epopeia tragica. São funambulos da vida, mascaras escarninhas torsos obesos de mulheres, judeus de perfil rapace, cenas de rua ou de ar livre, estas cheias de caracter, onde o artista, talvez, revelasse, vincasse o mais fundo da sua personalidade. Mas ha tambem notas de lirismo, que se vêem ter sido traçadas nas horas do descanso duma alma em febre, quando a vida lhe sorria, prometendo a gloria que tão tarde chegou, já depois de ele morto, cobrindo de rozas ... obra enorme...

Um concerto de homenagem

E' amanhã, ás 22 horas, que, em homenagem á memoria do escultor Anjos Teixeira, se realiza, na Sociedade de Belas Artes, o concerto organizado por Luiz Silveira, com a colaboração das sr.as D. Georgina Cardoso dos Santos, D. Antonia Palhares, D. Ivone Santos, D. Maria José Silva Pereira, D. Antonia Colaço e dos srs. maestro Alberto Fernandes, Julio Silva, Luiz Boulton, João Luiz Silveira e de uma orquestra de camara sob a direcção do maestro René Bohet, que executará um programa notavel, que termina-rá com o «Concerto em mi menor», de Bach.

NOTICIAS DO TOREL

UM ANEL PERDIDO.—A pedido do sr. Antonio Fernandes, rua do Seculo, 4, foi presa uma mulher de nome Maria Pereira, com residencia na rua das Atafonas, 28, 2.º, que é acusada de ter ficado com um anel que achou e que fôra perdido pelo queixoso.

A presa declarou no Torel que, de facto, achou o anel, mas que o perdeu tambem quando ia entregá-lo ao dono.

A ACTIVIDADE DO ANO FINDO

Balanço artistico

A estatistica do ano artistico de 1934-1935 evidencia, numa talvez curiosa analise, 162 exposições ou mais 55 em relação ás 107 de 1933-1934.

Houve o consequente predominio feminino, nacional e estrangeiro, ou o aumento de 31 relativamente a 52 sobre o numero de 21 do periodo transacto.

Assinalam-se, portanto, a sós ou em conjunto, nas coloristas, as sr.as D. Maria Clementina Vilas Boas Carneiro de Moura, em 2 exposições e de saliencia nos quadros *Paisagens* e *Flores;* D. Estrela Faria, alentejajna, em Lisboa e Evora, terceira medalha, primaciada no «Ruas de Lisboa» e no «Cabeça», adquirido pelo Estado; D. Eduarda Lapa, em três exposições citadinas; D. Sofia de Sousa, D. Alice Grilo, na Escola de Belas Artes do Porto; D. Raquel Roque Gameiro, que além de duas apresentações na capital, exibiu, igualmente, em Londres os seus tipos populares aguarelados; D. Aurora de Figueiredo, um trio expositivo; D. Maria Helena Vieira da Silva Gaenes, discipula de Bourdelle, com a pintura modernista; D. Dora Rezende Ferreira, paisagens, em Aveiro, como D. Maria Gabriela Rezende Ferreira, das «Flores»; D. Maria Helena de Bourbon e Meneses; D. Maria Emilia Barbosa Viana, dualismo de divulgação; identicamente a D. Beatriz de Lacerda, D. Maria de Lourdes de Melo e Castro e D. Regina Bensaude Lemoine Branco, filha do antigo ministro dos Negocios Estrangeiros, comandante Fernando Branco; D. Alda Machado Santos, D. Filomena de Freitas, D. Maria Luiza Reis, na Covilhã e Porto; D. Eugenia Dias Coelho, D. Signa Osorio Teixeira Rebelo; D. Maria Alexandrina Berger e D. Maria do Espirito Santo Oliveira, ambas na Covilhã; D. Flora de Morais, em Portalegre; D. Simone Thiessonier Maia de Loureiro, D. Beatriz Pais, D. Cesaltina Morais do Rosario, na Marinha Grande; D. Margarida Costa e as suas «Camelias», no Porto.

Adstritas, as estrangeiras, as inglesas Pierce e Mitchell, em Cascais; Marthe Henriette e Elisabeth Eduardo Huguenin, no Porto, D. Noemia Mourão, brasileira, com o belo «Fambi», Karine Leyden, holandesa; Marie Papin; Mariette Seyler, no Porto; Evelyn Piece, de Colares; Marcelle Gallopin, suiça.

No desenho, tivemos, especializada, a sr.ª D. Beatriz Schiappa.

Na escultura, as sr.as D. Rosalina Passos, algarvia e D. Elsa Rumina, ambas no Gremio Alentejano; D. Maria Izabel Gentil, das exposições; 3.ª medalha; D. Ursula Lero e a sua «Varina».

No ambiente estrangeiro, a belga Nadine Efpont, notabilizada no «A Guitarra» e «Rapaz de Lisboa».

E, fóra desses circulos principais: D. Maria Margarida Franco dos Santos, bordados em modelos-motivos de paramentos, frontais e toalhas de altar das igrejas de Portugal; D. Maria Casimira Mendes de Sousa Farrusca, D. Etelvina Correia Torres, D. Maria Adelaide Pacheco, D. Maria João Ramires e D. Maria da Assunção Alves Cavaco de Azevedo, de Olhão, em trabalhos de arte.

D. Arminda Rodrigues, marcou com os seus 6000 «ex-libris» coleccionados e exibidos no Ateneu Comercial do Porto.

As bonecas mereceram tratto notorio:

A sr.ª D. Laura Araujo apresentou-as em Viana do Castelo com os trajos regionais minhotos e indo mais longe, a sr.ª D. Judite Barbosa Collen trouxe as interessantes reproduções em Lisboa da indumentaria negra, artistico e inedito processo de propaganda colonialista.

Em exposição de sensação, as de cem trabalhos de arte moderna na Sociedade Nacional de Belas Artes e a 32.ª da mesma; Delfim Maia e os seus bronzes, ferro e pratas lavradas; dos antigos alunos da Casa Pia de Lisboa; de bordados artisticos, tecidos e arte popular da Roumania no Gremio Lirico; da revista «Presença»; da Faculdade de Ciencias do Porto; da revista «Momento», no Gremio Alentejano; de pinturas e desenhos historicos na Sociedade Nacional de Belas Artes; de rendas de Villa do Conde; postuma de homenagem a Silva Porto, Artur Loureiro e Henrique Pousão; de reprodução de tapetes de Arrayolos, de arte chinesa no Palacio Flôr da Murta; de arte galaica no Porto; de fotografias do Cartaxo; de fotografias de pessoal da Shell; de artes graficas contemporaneas, da Alemanha, no Instituto Alemão do Porto; do brasileiro Carlos Cavalcanti; do Paulo Scortesco, da Roumania; dos ingleses W. Haeburm Little; australiano Daniel Vasileff; do holandês Ernesto Leyden.

Feito o escorço, ligeiro, cumpre acentuar que o ano artistico de 1934-1935, iniciado a 1 de dezembro de 1934, não teve, praticamente um fecho, mas uma continuidade, pois as exposições não sofreram o habitual interregno.

Atravessaram de inverno a inverno incessantes, sem exclusão de primavera nem de estio.

Como se quizessem adoptar o regime financeiro, prolongaram-se dezembro fóra, para entrada no ano civil promissor, de 1936, em que Lisboa cede a primazia ao Porto...

ARMANDO RIBEIRO

NA DESPEDIDA DO ANO

Á margem do eterno

Em nome da fé e da alegria, que todos os olhos possam lêr sobre o arco do triunfo das eras, esta lapide esperançosa que ha de coroar a entrada do novo ano de 1936: «Albo lapillo notarem diem».

O ano velho vai partir curvado de remorsos e saudades, ajoujado de bagagem onde guardava avaramente as mais belas ilusões que viu florir á sua volta. Caminha de vagar, por entre a sombra dos que viveram implorando em vão a sua piedade indomavel e a purissima alegria dos seus dias.

— Ano velho, como tudo o que passa sem deixar um rastro luminoso, tenho pena de ti! Amanhã serás menos do que um sonho — barquinho veloz dobrando o Cabo das Tormentas da Vida,, correndo para o fim de todas as quimeras. E sobressaltando a paz do mundo, nem ao menos quizeste ser melhor do que o teu anterior para que te coroassem de louros na fileira dos anos excepcionais da historia. Fôste no entanto um pretencioso banal como aqueles martires da imbecilidade que se propõem ser notaveis sem possuirem a mais leve essencia do talento — e mesmo assim chegas-te a causar-nos algumas preocupações...

Não fôste um predestinado, não. Fôste um ano vulgarissimo, sensaborão, com birras de celibatario e certas criginalidades bisonhas proprias do teu ressurgimento em pleno fulgor dum seculo sem misterios. Tenho pena de ti, e nem te posso dizer um comovido «obrigada», porque não te devo nada, que faça brotar dos meus olhos, prontos ao diluvio das comoções, uma lagrima de gratidão á tua memoria. Só não me esqueço da tua idilica chegada, enchendo a Terra de esperanças com toda a poesia da tua adolescencia aureolada de sonhos, que durou apenas até ao regresso das primeiras cegonhas a quem ofereceste o berço dum maio florido. Não me esqueço dos teus esforços de idealismo queimando as ultimas energias aos ardores crudelissimos do sol do estio que te havia de deixar inanimado ás portas dum outono visionario onde fizeste por fim o teu exame de consciencia. Então as lagrimas do teu arrependimento inutil, começaram a enraizar o coração da Terra, que o ano novo se prepara para cultivar á sombra dos esforços da tua penitencia...

Agora que te persinto no limiar duma viagem donde nunca mais regressas, deixa-me pedir-te em nome da humanidade aflita: Quando cruzares no caminho com esse inexperiente que vai iniciar o seu reinado no mundo dentro dum novo capitulo de surpresas, não lhe entregues o diploma do teu egoismo. Abre-lhe o livro da Vida na pagina de todas as miserias e de todas as dôres, ensina-lhe o verdadeiro caminho do Amor; canta-lhe bem alto o hino do trabalho; aponta-lhe as conveniencias do progresso e faz-lhe vêr claramente a diferença que existe entre a audacia e a prudencia.

Não o deixes caír nos abismos da primeira mas, que, tambem não se entregue ao egoismo da segunda que fez de ti um velho sensaborão.

Finalmente, se vires que o teu adversario não pode vir a ser um perfeito reparador das leis do desalento, deixa que sejaj ao menos tão banal como fôste.

E tu, que julgas levar nessa efemera bagagem todos os sonhos ideais da Terra, não tenhas ilusões: Verás ao confrontar esses tesouros com todos os esplendores da imortalidade, na hora do balanço fatal, como são inglorias e mesquinhas todas as vaidades que se colhem neste mundo mesmo através das almas mais perfeitas, durante essa viagem que nos conduz a existencia em cada ano continuo como o alcatruz dum engenho sem fim onde canta eternamente, cruelmente, o manancial de todas as ilusões transitorias...

Ano Novo, moço poeta que podes trazer na mão o pomo de oiro da paz, não o deixes quebrar quando caíres desanimado ao dares o primeiro passo neste paraiso de sombras onde vais envelhecer de tedio no espaço breve de trezento se sessenta e cinco dias.

31-12-35.

NITA LUPI

MUNDANISMO

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa de S. Lourenço, D. Izabel Fernandes O'Neill, D. Clara Malheiro de Castros Vilhena de Araujo, D. Maria de Jesus de Figeiredo Cabral da Camara, D. Maria das Dores de Vasconcelos Gomes da Costa, D. Maria José de Barbosa Bourbon Abreu Freire (Baçar), D. Lucilia da Costa de Carvalho Morais, D. Maria das Mercês de Castro da Cunha Rego, D. Maria Eduarda de Queiroz de Melo e Castro Sousa, D. Ermelinda Gomes Ribeiro, D. Emilia Casaline Curado e D. Amelia Seixas.

—Faz hoje anos a sr.ª D. Helena Dourado de Oliveira Braga.

DIPLOMATAS

Oilustre encarregado dos negocios do Brasil, em Portugal, sr. dr. Alvaro Teixeira Soares e sua esposa, a sr.ª D. Pepita Teixeira Soares, ofereceram no Palacio da Embaixada do Brasil, na noite ultima do ano, uma lindissima festa, com o caracter de muita intimidade, a qual decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, tendo-se dansado, com verdadeiro entusiasmo ao som de uma eximia orquestra «jazz-band».

Pelas duas horas da madrugada, foi servida no salão de mesa, que se encontrava artisticamente engalanado com grande profuzão de flores e lumes, uma finissima ceia.

Os ilustres diplomatas tiveram ocasião de mais uma vez por em destaque as suas fidalgas qualidades de caracter, tendo os convidados retirado extremamente gratos com os deliciosos momentos que lhes proporcionaram.

Na assistencia notavam-se as seguintes pessoas:

Conde e condessa de Vilar Maior, conde e condessa de Mozer, conde e condessa de Castro, visconde e viscondessa de Almeida Garrett, viscondessa de Coruche, visconde de Seixal, Octavio da Silva Leitão, D. Amelia Morales de los Rios Leitão e filhos, dr. Manuel de Oliveira Monteiro, dr. Filipe Salazar de Sousa e D. Maria Izabel Gomes Salazar de Sousa, D. José Antunes de Vasconcelos e D. Maria Inacia Cardoso de Vasconcelos, dr. Tiro de Castelo Branco Arantes e D. Maria Luiza Seixas Arantes, D. Maria Luiza Ribeiro da Silva Infante da Camara, D. Francisco de Avilez e D. Maria de Avilez, dr. Soares Franco e D. Maria Carlota Sommer Viana Soares Franco, dr. Borges de Almeida, D. Maria Borges de Almeida e filhos, dr. Vilhena de Almeida e Vasconcelos e D. Elza de Almeida e Vasconcelos, dr. Fernando Tavares de Carvalho e D. Dalila Correia Leite Tavares de Carvalho, Bartolomeu Perestrelo de Vasconcelos e D. Maria de Lourdes de Vasconcelos e Sousa Perestrelo, José Macieira Lino e D. Maria Tereza Pressler Lino, Adolfo Burnay Soares Cardoso (Marco) e D. Eugenia de Avilez Soares Cardoso, Antonio Macieira Lino e D. Maria Constança de Vasconcelos e Sousa Lino, Gabriel de Bianchi e D. Maria João da Camara Bianchi, dr. Morais de Oliveira, Paulo de Artagão e D. Merita Correia de Artagão, Francisco de Vilhena e D. Maria Vechi Pinto Coelho de Vilhena, D. Maria do Carmo de Orey Corrêa de Sampaio (Castelo Novo), Frederico de Perestrelo e Vasconcelos, Francisco Roque de Pinho (Alto Mearim), D. Maria Aguiar de Andrade Roque de Pinho (Alto Meatrim) e irmã, Ruy Correia Leite, José Gomes Pressler, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc.

CASAMENTOS

Realizou-se na paroquial de Santa Maria de Belem, presidido pelo reverendo prior da freguesia, monsenhor Gonçalo Nogueira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Maria Franco de Sousa, filha da sr.ª D. Maria Carolina Franco de Sousa e do sr. Francisco Franco de Sousa, com o nosso querido amigo sr. Antonio Balão Pereira Falcão, filho da sr.ª D. Ana Delfina Carneiro Baião e do sr. Antonio Joaquim Pereira Falcão, tendo servido de padrinhos da noiva a sr.ª D. Amelia Pereira Franco e o pai do noivo e por parte do noivo, a mãi da noiva e o reverendo prior da freguesia.

Finda a cerimonia durante a qual foram executados a grande instrumental varios trechos de musica sacra; foi servido na elegante residencia dos noivos, um finissimo lanche, partindo os noivos a quem foi oferecido grande numero de valiosas e artisticas prendas, para o estrangeiro, onde foram passar a lua de mel.

Aero-Portuguesa

38, Rua do Alecrim, 2.º — Telef. 2 3371

Correio aereo para MARROCOS, AFRICA OCIDENTAL FRANCESA e AMERICA DO SUL

A partir de 1 de Janeiro, o serviço de correio entre PORTUGAL e AMERICA DO SUL e vice-versa efectuar-se-á INTEIRAMENTE POR VIA AEREA.

Partida de Lisboa	Todos os Sabados
Chegada á America do Sul	Todas as Terças feiras
Partida da America do Sul	Todos os Domingos
Chegada a Lisboa	Todas as Quartas feiras

ENTREGA DA CORRESPONDENCIA: — Na Central da Rua do Arsenal Até ás 10,45 de todos os Sabados

TODA A GENTE

vai á noite ao COLISEU ver

A ULTIMA MARAVILHA

Duas sessões, ás 20,30 e ás 22,45

O exito verdadeiro, insofismavel, triunfante, continua a ser «A Ultima Maravilha». E' o motivo das enchentes do Coliseu. Constitui, na verdade, a peça que nos deve orgulhar, pois coloca o nosso teatro a par do que de mais famoso se tem realizado nos ultimos tempos em Paris, Nova York ou Berlim, suplantando até em riqueza, em graça, originalidade e deslumbramento as peças que tem atraido milhares de estrangeiros áquelas capitais. Hoje: duas grandiosas sessões, a que ninguem deve faltar. Preços baratissimos. Domingo: «matinée».

Lanches para casamentos

PASTELARIA COLOMBO

Av. Republica, 10 H—Telef. 4 9225

CHAPELARIA LIZ
— DE —
ALFREDO GONÇALVES
Chapeus de Feltro e Mescla
Modelos os mais modernos
Preços de reclame
Rua dos Anjos, 4

ESTRANGEIRO

Café Moinho de Ouro
O melhor de todos
Torreão da P. da Figueira, 25-27
LISBOA

Como se pode fazer fortuna

nas regiões ocupadas pelos italianos

(Serviço especial para o «Diario de Lisboa»)

ASMARA, 3. (Dum enviado especial da «Reuter»).—Quem quizer fazer uma pequena fortuna em pouco tempo, que consiga vir até aqui e traga consigo um bom camião para fazer serviço de transportes, por contrato, no exercito italiano.

Do Sudão têm vindo ultimamente muitos individuos que conseguem obter contratos com os comandos italianos para transportar o material de guerra e abastecimentos na zona ocupada, para as linhas da frente italiana. Ao principio da campanha, era raro ver-se um camião que não fosse de marca italiana, mas, nesta ocasião é já superior a percentagem de camiões de fabrico estrangeiro, principalmente ingleses, em relação aos italianos. Alguns «chauffeurs» têm conseguido com o seu trabalho nestes transportes um lucro de 30 libras por dia, em media.—(Reuter).

Politica alemã

Atribuem ao Reich intenções que ele não tem

BERLIM, 3—O «Voelkischer Beobachter», orgão do Partido Nacional Socialista, insurge-se contra o facto de se atribuirem ao Reich intenções que, diz ele, está longe de alimentar. Cita varios factos e diz que os treze pontos do discurso pronunciado por Hitler, em 21 de maio são a lei alemã em politica internacional. O resto é intriga ou inconsciencia.

O mesmo jornal, secundado por outros, diz que a Alemanha está dentro do espirito de Locarno, defende uma aproximação com a França e com a Inglaterra e deseja a paz para si e para os outros.—(Americana)

Foi encerrada a fronteira

da U. R. S. S. com a Manchuria

MOSCOVO, 3.—Em consequencia dos acontecimentos anormais que se continuam a registar na fronteira da Manchuria, o governo sovietico resolveu encerrar, temporariamente, a fronteira da U. R. S. S., com aquele Estado, nas margens do rio Amor, entre Huma e Pashkovo. — (United Press).

A condenação de Hauptmann

NOVA YORK, 3—O «Daily News» informa que a mulher do alemão Hauptmann, condenado á morte como autor do crime de rapto e assassinio do filho de Lindbergh, já tomou passagens para si e seu filho num transatlantico com destino a Hamburgo. O mesmo jornal diz que esta resolução deve ser motivada pelo facto de haver pouca esperança de salvar Hauptmann da cadeira electrica. Os directores da companhia de navegação comunicaram ás autoridades de Nova Jersey que a mulher de Hauptmann tinha mandado reservar as referidas passagens.—(Havas)

Tudo está pronto para a execução

TRENTON, 3.—O governador de Nova Jersey não fixou ainda a data em que deve reunir-se a Junta de Perdões que tem de pronunciar-se sobre o pedido de indulto apresentado por Hauptmann.

Supõe-se, porém, que aquele organismo se reunirá hoje mesmo.

Na famosa sala da cadeira electrica, tudo se encontra a postos para a execução. Falta apenas afinar a tragica cadeira e as correias que prendem o condenado, a fim de que o contacto da corrente seja perfeito.

Além das 12 testemunhas impostas pela lei, assistem á execução 18 jornalistas, devidamente autorizados. Não é permitida a presença de qualquer mulher.—(United Press).

Em Havana desabou uma casa

e morreram cinco pessoas

HAVANA, 3 — Na rua Chacón desta cidade desabou um edificio e morreram esmagadas cinco pessoas. Ficaram feridos 18 inquilinos, 7 dos quais se encontram hospitalizados em estado grave. - (United Press.)

Uma grande epidemia de peste

TOQUIO, 3—Anuncia-se que grassa uma epidemia de peste na fronteira da Siberia com a Manchuria. Já se contam cerca de quinhentos mortos. As autoridades sanitarias russas e manchus tomaram providencias. Algumas regiões estão isoladas.—(A.)

A Cruz Vermelha inglesa

foi recebida em Dessié com grande entusiasmo

DESSIE', 3.—A companhia da Cruz Vermelha inglesa, que é chefiada pelo conhecido cirurgião londrino dr. André Melly, chegou a esta cidade, onde foi acolhida com provas de grande apreço por parte da população, que formou um garrido cortejo com bandas de musica e estandartes, acompanhando-a desde a entrada da cidade até ao local onde ficou aquartelada.

O Negus visitou o acampamento da Cruz Vermelha inglesa, ao qual passou demorada revista, proferindo por fim um interessante discurso, do qual registamos pelo seu significado especial, as seguintes passagens:—«Nunca esqueceremos o auxilio humanitario que o vosso povo nos presta.

«Se a amizade é o mais nobre dos sentimentos em todas as circunstancias da vida, quando ela se manifesta pela maneira como vós a provais, como representante dum grande povo, que vem em auxilio humanitario duma pequena nação, no momento mais critico da sua secular independencia, toma aspectos de tal nobreza que jamais será esquecida em toda a Abissinia.

«Lembrai-vos senhores, — terminou Hailé Selassié—que esses humildes mas nobilissimos patriotas que ides tratar, saberão reconhecer o serviço que vindes prestar-lhe na hora em que até ao ultimo, todos os meus queridos subditos, estão dispostos a derramar o seu sangue na defesa da integridade da patria».—(Reuter).

NA TURQUIA HA GRANDES

movimentos de tropas

IZTAMBUL, 3.—Tem-se notado nos ultimos dias grande movimento de tropas em toda a Turquia.

Nos arredores da capital e noutras cidades realizam-se importantes manobras militares em que a aviação toma parte activa.

O ministro da Guerra, autorizado pelo governo, abriu um novo concurso para o fornecimento de aviões de bombardeamento e de caça.

Este fornecimento deverá efectuar-se no mais curto espaço de tempo possivel.—(United Press).

OS ACIDENTES DE VIAÇÃO

devem-se á falta de cuidado dos transeuntes

LONDRES, 3.—O ministro dos Transportes e Comunicações, Hore Belisha, num discurso que pronunciou ontem á noite e que foi radiodifundido, frisou que o numero de acidentes nas ruas e estradas é função não dos regulamentos e conselhos de indole tecnica, mas do cuidado do peão. O ministro afirmou que a dimuição do numero de mortos por acidentes, em 1925, em comparação com 1934, se deve exclusivamente á campanha feita junto da população para que cuide da sua segurança, não tendo influido no facto a maior ou menor severidade dos regulamentos policiais. O ministro salientou ainda que apesar do aumento do numero de carros em circulação, os acidentes diminuiram.—(Havas)

Os atropelamentos em Nova York

NOVA YORK, 3.—A Direcção Geral de Estatistica anuncia que, durante o ano de 1935, morreram nesta cidade 36.400 pessoas, que foram atropeladas por automoveis.

Em igual periodo de 1934, e por identico motivo, o numero de mortos foi de 36.101.—(United Press).

Novo remédio contra a dor

A Quimica Luso-Alemã adquiriu o exclusivo da elaboração do mata-dor poderoso

UNTISAL

o mais eficaz de todos conhecidos actualmente. UNTISAL conquistou um continente numa noite Alivio instantaneo. Frasco, 10$00 nas Farmacias

Se você tem qualquer mal Una-se com UNTISAL

Distribuidores: Pestana, Branco & Fernandes. R. dos Sapateiros, 39 Lisboa - No Porto: Drogaria Costa, R. das Flores, 36.

MAQUINAS — FERRAMENTAS para trabalhar em madeira
GUILLIET FILS & C.A
Serras de fita e circulares, garlopas, plainas de uma e varias faces, tupias, maquinas de furar, afiadoras, etc., etc.
Delegação para a peninsula iberica em MADRID (Espanha) Fernando VI. 23

TITUS
UM RELOGIO DE QUALIDADE

AO ALCANCE DE TODAS AS BOLSAS
á venda em todas as boas ourivesarias e relojoarias

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Peça pilhas e lanternas
ZEILER

CAMISARIA MODERNA Rossio, 110
SECÇÃO DE ENGOMAGEM ELECTRICA
Preços de engomados

Colarinhos (cada)	$50	Camisas (cada)	2$00
Punhos "	$50	" "	2$50

Entrega 3 dias depois Embalagem gratis Telefone 2 4350

ESCOLA LUIZ DE CAMÕES
LARGO DO INTENDENTE N.º 35 — Tel. 4 7803
Esta antiga e conceituada Escola, funciona com os seguintes cursos:
Curso de Instrução Primaria e de Preparação para exames de admissão aos liceus. Curso geral dos Liceus. Cursos de explicações para os liceus, Escolas comerciais e industriais.
Aulas nocturnas para menores e adultos, das 20 ás 23 horas

UM NOVO PÓ DE ARROZ COM "FINI MAT" SUBTILIZADO COM A DUPLA "MOUSSE"

Uma Revolução Nos Pós de Arroz

Devido á Descoberta Feita Por Um Grande Medico

O problema feminino da "pele luzidia", velho como o mundo, foi agora resolvido pela Ciência. Segundo um novo processo — resultado de anos de investigações feitas por quimicos franceses — mistura-se um pó finissimo, passado por sete peneiras de seda, com a dupla "Mousse de Crême". Este processo foi adquirido por Tokalon. O Novo Pó Tokalon é o unico que, aplicado de

manhã, poderá, em todos os casos, desembaraçá-la, para todo o dia, do brilho do nariz: é o unico pó que dará ao rosto um "Fini Mat" e a bela frescura da adolescencia. Experimente uma caixa hoje mesmo e veja a fascinante beleza que êle poderá dar-lhe. Verifique como o Novo Pó Tokalon é inteiramente diferente de todos os outros pós, por ser o único que beneficia do segredo do "Fini Mat".

A' venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva ao Deposito Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

Companhia oas Fabricas Ceramica Lusitania
Gran des fabricas de bons produtos ceramicos de
TODOS OS GENEROS E PARA TODOS OS USOS
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Setubal, Faro, Portimão e etc.
A CERAMICA QUE HONRA O PAIZ!

ULTIMAS NOTICIAS

HOTEL MIRAMAR
MONTE ESTORIL
Hotel Costa.—CINTRA

Quatro dias no deserto

Os aviadores Saint-Exupery e Prevost

viveram horas angustiosas

CAIRO, 3—Os aviadores franceses Saint Exupery e Prevost, que foram encontrados sãos e salvos a 150 quilometros a leste do Cairo, depois de terem andado errantes no deserto durante três dias, chegaram ontem a esta cidade e instalaram-se num hotel, á meia noite. Comunicaram imediatamente á legação do seu país que «tinham partido de Benghazi ás 0 e 30 de 30 de dezembro, que ás 2 e 30 voaram sobre Amceat. Passaram sobre a fronteira da Libia no meio de obscuridade e envoltos em nuvens. Ao tentarem reconhecer o solo, o aparelho chocou com uma elevação de terreno».

O famoso escritor e aviador Saint Exupery deu ao representante da «Havas» uma interessante entrevista sobre as condições do desastre e da forma como ele e o seu companheiro foram salvos.

—Levantámos vôo de Benghazi—disse-nos—ás 11 horas da noite de domingo. Para não voarmos sobre a zona interdita, decidimos atravessar o deserto em linha recta, com destino ao Cairo. A noite estava escurissima, mas as previsões meteorologicas eram favoraveis. Teriamos—segundo nos disseram—vento a favor, pelo menos durante 40 quilometros. Nessas condições bastavam-nos 4 horas, para chegarmos ao Cairo. O ceu estava porém, cheio de cirros, obrigando-nos a voar alto. Passaram-se 4 horas e como havia sempre nuvens, julguei que elas me escondiam as luzes da cidade. Sem goniometro nem aparelho de radio, precisava de luz para me orientar. Resolvi descer, lentamente, com precaução. E verifiquei que em vez de vento de favor, tinha vento contrario. Em todo o caso já ultrapassara o tempo normal necessario para cobrir a distancia que vai da Tripolitania ao Vale do Nilo. Desci mais, com a esperança de descobrir, pelo menos, o rio. Nessa altura senti um choque formidavel. Tinhamos batido no terreno á velocidade de 250 quilometros á hora! Embora violentissimo, o choque por ser de raspão, não nos matou. O aparelho ficou achatado. Eu não tinha a menor beliscadura, e Prevost estava tambem ileso. Tinhamos embatido contra uma elevação de terreno rochosa. Sem uma luz para me orientar tentei o terreno e, pela sua natureza, vi que estavamos no deserto. A situação era um pouco inquietadora. Decidimos esperar o romper do dia, e quando este veio vimos, desolados. que, em volta de nós, se estendia, a perder de vista o deserto e que o reservatorio de agua se inutilizara. Nem provisões, nem de beber—excepto uma garrafa «termus» com um litro de café... A situação era dramatica. Decidimos partir e caminhámos até ás 18 horas. Morriamos de sede, pois beberamos o litro de café, com a esperança de nos refrescarmos com o orvalho matinal. A noite caira e nós voltámos para o aparelho todo esfrangalhado e sob os destroços do qual dormimos. No dia seguinte bebemos um pouco de orvalho, bebida repugnante—mas tinhamos tanta sede! Veio o segundo dia, fizemos outros reconhecimentos tambem sem resultado. Estavamos extenuados e desanimados».

Explicou depois que, no terceiro dia largaram o avião, e foram caminhando, até que no quarto dia, quasi mortos de fadiga, encontraram os beduinos, que os salvaram. Saint Exupery e Prevost têm recebido inumeras felicitações.—(Havas)

Lanches para casamentos
PATISSERIE VERSAILLES

Entrou hoje em vigor

o acôrdo comercial

entre os Estados Unidos e o Brasil

WASHINGTON, 3. — O acordo comercial de reciprocidade entre os Estados Unidos e o Brasil, assinado em Washington, a 2 de fevereiro do ano findo e ratificado no Rio de Janeiro, no dia 5 de dezembro ultimo, entrou hoje em vigor.

Os observadores comerciais, não só de Washington como de outros centros, aguardam com grande interesse os efeitos do referido acordo no decorrer dos proximos meses, principalmente em vista das declarações do secretario dos Negocios dos Estrangeiros, Cordel Hull, que o definiu como «o primeiro golpe vibrado no sistema de acordos comerciais internacionais feitos por restrições, licenças de importações de exportações, disposições especiais e tantas outras complicadas e numerosas prescrições».

Hull considera o acordo brasileiro como uma balisa na rota do mercantilismo medieval, que tem sufocado o comercio do mundo moderno, e que uma vez em prática, tornará o progresso «mais rapido e o movimento ganhará mais velocidade».

O referido acordo determina a redução de tarifas alfandegarias, em cada um dos paises, para certos produtos e dá garantias contra o lançamento ou aumento de impostos noutros determinados produtos. Contém, ainda, a garantia reciproca de tratamento de nação mais favorecida, sob todos os pontos de vista, e uma especial salvaguarda contra qualquer desigualdade de trato através da importação de divisas, de novas taxas internacionais ou fiscalização de exportações. Em troca da garantia da entrada livre nos Estados Unidos do café e de outros produtos brasileiros, que atinge 90 0/0 das importações dos Estados Unidos feitas no Brasil, e ainda da redução das actuais tarifas para outros produtos brasileiros, concede o Brasil varias reduções de tarifas alfandegarias em grande escala, aos principais produtos de exportação dos Estados Unidos.

O Brasil, segundo o acordo, reduziu as tarifas para determinados produtos de exportação industria e de agricultura dos Estados Unidos relativos a uma lista de 67 classificações e comprometeu-se, ainda, a não lançar novos direitos nem aumentá-los com relação a outros produtos de reconhecida utilidade prática, todos estes compreendidos em uma lista de 39 classificações.

Nas tarifas reduzidas entram: automoveis, camiões e seus acessorios canos, cintos de borracha, aparelhos de radio, certas tintas e vernizes, sabão, camisolas de algodão, oleados, instrumentos cirurgicos, objectos de couro, barras de aço cimento, borrachas para apagar, farinha e frutas sêcas.

Pelo referido acordo tambem o Brasil se compromete a manter as presentes tarifas alfandegarias relativas a varios objectos de utilidade prática, que figuram no comercio de exportação dos Estados Unidos. Entre os principais contam-se: frutas frescas, utensilios de agricultura maquinas para refrigerantes, motocicletes, caixas registadoras, maquinas de escrever, varios tipos de maquinas, material para telefones e telegrafo e filmes.

O acordo vai contar, por agora, com a hostilidade dos industriais do manganês. As reclamações dêstes interessados naquela industria foram classificadas por Hull como «exageros e êrros de propaganda postos a circular, para sufocarem todos os esforços para a restauração normal do comercio». Aquela industria tem protestado e espera-se que continui a criticar o acordo, principalmente agora, que se aproximam as eleições. — (United Press).

As aguas cobrem

grandes extensões de terreno

em varias regiões da Inglaterra

LONDRES, 3. — As inundações causadas pelas cheias do Tamisa vão alastrando a pouco e pouco. Os peritos afirmam, contudo, que o nivel das aguas alcançou agora o seu maximo e que baixará de aqui em diante. Na região de Windsor, sobretudo, á volta do castelo, as aguas cobriram todos os terrenos. Os campos do Eton estão absolutamente dabaixo de agua e varias estradas desta região estão intransitaveis. A maior parte das estradas de Buckinghamshire, Kent, Surreu, Sussex e South Middlands, necessitam de grandes reparações antes de poderem servir para o transito de automoveis. — (Havas).

Inundações na Russia

MOSCOVO, 3.—Informam de Tachkent que varias regiões de Usdequistão se encontram inundadas. Estão submersos mais de 3.000 hectares de terras cultivadas. Varias informações dizem que ficaram destruidas varias casas, estabulos, celeiros, etc. As inundações foram provocadas pela cheia do Amudaria.—(Havas).

NOTICIAS DE ESPANHA

Gil Robles recebe adesões para as proximas eleições

MADRID, 3.—Martinez Arenas do grupo dos republicanos conservadores de Alicante, e amigo de Miguel Maura, declarou á Imprensa que o seu grupo se unirá á CEDA nas proximas eleições. O deputado por Murcia, Tomás Moetre, que se demitiu do grupo Agrario aderiu ao partido de Gil Robles.

Manuel Iglesias Corral, radical dissidente, foi nomeado Procurador Geral da Republica e José Nara y Mesa, sub-secretario interino das Finanças.—(Havas).

Novos navios de guerra

MADRID, 3.—O Presidente da Republica assinou um decreto que autoriza o ministro da Marinha a apresentar á Deputação Permanente das Côrtes, para efeito de aprovação, o programa para a construção de 2 contra-torpedeiros, 2 canhoneiras de 2.500 toneladas cada uma, 4 vedetas de 200 toneladas, 2 vedetas de 400 toneladas e 2 rebocadores.—(Havas).

O desastre do "City of Karthoum"

ALEXANDRIA, 3.—Anuncia-se que os mergulhadores que desceram ao fundo do oceano conseguiram já retirar de dentro do hidro-avião, da linha Imperial Airways, que se afundou na noite de 31 de dezembro do ano findo, proximo deste porto, quatro cadaveres das doze pessoas que perderam a vida naquele desastre.—(United Press).

A agitação dos estudantes egipcios

CAIRO, 3.—Os estudantes da Universidade de Azhar, que voltaram a manifestar-se, apedrejaram a policia, que os dispersou á mocada. São numerosos os feridos de ambos os lados.—(Havas).

MAXIM'S
Todas as noites
TRIO BLAS-WILSON
Bailes fantasistas e acrobaticos
TRIO GALINDO
rumbas cubanas
TANI ZERJA
vedette espano-argentina
ORQUESTRA LUSITANA

Os amores duma viuva

que foi enganada

por um jovem sedutor

A sr.ª D. Maria Calada, viuva, de 40 anos de idade residente na linha de Cascais, e possuidora de alguns meios de fortuna, enamorou-se dum rapaz de 20 anos, chamado Alberto.

Enamorou-se... e apaixonou-se. A tal ponto, que Alberto disse-lhe certo dia:

—Se quizer, não me importo de casar consigo...

—De verdade?

—Pois... Assim com'assim...

D. Maria ficou radiante. E Alberto foi logo autorizado a ir lá a casa, em conformidade.

Começou o namoro intra-muros, queé como quem diz do lado de lá da porta de D. Maria e Alberto, para começar, levou 5 contos para as primeiras despesas.

Levou o dinheiro, muito contente tambem, e, enquanto houve contos, não tornou a aparecer.

D. Maria, claro, assustou-se, arreliou-se, desesperou-se.

—Que significa isto? Que terá acontecido?

E já ia consultar a bruxa mais proxima, quando ele tornou a sí. A si... D. Maria...—já se deixa vêr.

—Ainda bem!—suspirou ela—Já julgava que te tinhas perdido meu amor.

Novos protestos de fidelidade, a paixão redobrada, uma encharcadela de ternura que chegava para uma familia. D. Maria rendeu-se ás juras do namorado e naquele dia quasi se ajustou o casamento em definitivo.

Trocaram-se impressões acêrca do nó, D. Maria sonhou a futrar, e Alberto, a certa altura, saiu-se com esta:

—Sabes Mariasinha... Vi, ontem, na calçada do Combro, numa casa de penhores, uma colcha que vale 5.0000$00! E sabes por quanto a vendem? Por 700$00! Uma verdadeira pechincha. Gostava que a fosses vêr.

D. Maria entusiasmou-se, como era de sua condição e de sua obrigação, e, acompanhada pelo noivo, foi ver a colcha, de que tambem gostou muito.

Dali a momentos, Alberto levava mais 700$00, para a colcha da felicidade, e levava mais um relogio para não tornar a atrazar-se nas horas do «rendez-vous».

Desnecessario será dizer que tornou a desaparecer com os 700 escudos, e com a colcha e com o relogio, e com o coração da amada em segunda mão.

D. Maria tornou a perdoar; tornou a passar a esponja. E dali a tempos, como se lembrasse de comprar uma motocicleta ara uma filha que gosta muito daquilo, logo Alberto se ofereceu para adquirir a maquinaria e para levar a menina ao exame.

—Bem... Vá lá... Não me fio muito em ti... mas como te amo e tu me amas tambem, toma lá o dinheiro.

E Alberto levou mais 4 contos para pagar a primeira prestação da moto.

Daquela vez, para não o acusarem de intrujão, entregou o dinheiro ao vendedor da bicicleta e efectuou de verdade o negocio. Mas comprou a moto em seu nome, e depois, tendo-se convencido de que era ele, realmente, o dono do objecto, reduziu tudo a dinheiro numa casa prestamista.

E a noiva ficou, sem Alberto, sem moto, sem dinheiro, sem relogio, sem colcha e sem professor para a menina pelo que se lembrou então, de ir ao Torel a pedir que lhe acudam.

O D. Juan—salvo seja!—foi chamado ao Torel e limitou-se a declarar que não tinha culpa de ser bonito.

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

DR. MIGUEL DE MAGALHAES
Monitor da clinica de Necker — Paris
RINS e vias urinarias — Venereologia e sifilis.—T. N. de S. Domingos, 9, 1.º ás 15 horas — Telefone 5205 N.

ESTRANGEIRO

Dr. Armando Narciso
Clinica medica
PRAÇA RESTAURADORES, 48, 1.º
Telef. 21738

Os presos de Sing-Sing

dedicam-se á arte de Talma

(Serviço especial para o «Diario de Lisboa»)

OSSINING (Estado de Nova York, 3.—Como nos anos anteriores, realizou-se tambem no ano passado uma recita organizada pelos presos do celebre presidio de Sing-Sing.

O espectaculo deste ano, em que subiu á cena a «Revista de Sing-Sing», causou verdadeira sensação e obteve enorme sucesso de bilheteira. O produto da venda dos bilhetes reverte a favor do fundo de auxilio aos presos pobres e suas familias.

Como não é permitida a entrada de mulheres naquela prisão, o papel destas foi desempenhado por figurantes do sexo forte, mas nem por isso a revista deixou de ter numeros de baile e um animado grupo de «girls».

O primeiro papel feminino foi interpretado por um perigoso condenado por homicidio a prisão perpetua.

Os criticos são unanimes em declarar que possui verdadeiro talento e a lamentar que aquela grande e natural vocação tenha sido inutilizada pelos reconhecidos maus instintos do condenado.—(Reuter).

UMA NOVIDADE EM EDREDONS

O *Edredon-couverture* é um novo Edredon, mais fino e com um aspecto infinitamente delicado e chic.

O *Edredon-couverture* cobre a cama inteiramente, mostrando toda a sua beleza.

O *Edredon-couverture* oferece luxo e conforto no quarto e e uma linda oferta.

Tamanhos diferentes desde 380$00.

A Pompadour — 28, Chiado, 30

Os «gangsters» de Chicago

repetem as suas proezas

(Serviço especial para o «Diario de Lisboa»)

CHICAGO, 3.—Em menos de um mês deram-se dois crimes de assassinio politico nesta cidade, o que tem causado seria indignação e graves receios de que se formem novos grupos de «gangsters» pelo processo bem conhecido destes grupos de bandidos exercerem influencias politicas neste Estado.

A primeira destas vitimas foi o editor de varios jornais politicos Walter Ligget, que foi assassinado em Miniapolis por balas duma metralhadora transportada num automovel quando passeava com a mulher e uma filha de 12 anos, que, por milagre, não foram tambem atingidas.

Desta vez a vitima foi o funcionario do distrito eleitoral de Ilinois, Alberto Prignamo, cuja casa, os assassinos assaltaram, e roubaram para disfarçar o mobil do crime, que foi cometido por questões politicas.—(Reuter).

Caminhos de Ferro Portugueses

A tabela de preços de transportes de mercadorias, que só tinha aplicação a partir de 30 quilometros, passou, desde 1 do corrente, a ser aplicavel desde a distancia de 10 quilometros sendo os preços reduzidos proporcionalmente á tabela n.º 29.

Começou no dia 1 a funcionar, em combinação com o caminho de ferro, uma carreira de caminhetas da Empresa de Auto-Omnibus Eborense, L.ª, entre a estação do Barreiro e a vila de Montijo, passando pelas povoações de Lavradio, Alhos Vedros, Moita, Chão Duro, Sarilhos Grandes e Lançada.

O inventor da bicicleta

vai ter uma rua em Bordeus

(Serviço especial para o «Diario de Lisboa»)

PARIS, 3—A municipalidade de Bordeus resolveu prestar homenagem á memoria do inventor da primeira bicicleta de rodas iguais, dando o seu nome á rua onde ainda existe a loja que foi fundada pelo celebre inventor, Georges Juzan.

A patente das bicicletas inventadas por Juzan foi registada em 1885 e, nesse mesmo ano, já foi possivel criar um verdadeiro «récord» de velocidade percorrendo 100 quilometros em 4 horas e 40 minutos.

A primeira bicicleta fôra inventada cêrca de 50 anos antes, mas pouco ou nada tinha evolucionado até que Juzam criou o seu modelo, sobre o qual ainda hoje se fabricam todas as bicicletas.—(Reuter)

O vulcão de Mona Loa

vai ser bombardeado por aviões

(Serviço especial para o «Diario de Lisboa»)

HAWAI, 3—O vulcão de Mona Lôa, que está em erupção ha mais dum mês, ameaça seriamente, nesta ocasião, os depositos do fornecimento de agua á cidade de Hilo, o que causa bastantes preocupações. A fim de evitar essa desgraça vão ser tomadas providencias verdadeiramente excepcionais, como por exemplo o emprego de aviões para bombardear o proprio vulcão, na esperança de alargar a cratera na vertente contraria á cidade, a fim de desviar para esse lado a ameaçadora corrente de lava que corre na direcção da cidade.—(R.)

A aviação norte-americana

não servirá com eficiencia a defesa do país em caso de guerra

(Serviço especial para o «Diario de Lisboa»)

NOVA YORK, 3.—Causou enorme sensação o discurso pronunciado ha dias perante o Conselho de patentes de invenção pelo general Billy Mitchell, que comandou a aviação americana durante a grande guerra em França.

O general Mitchell, que é considerado a maior autoridade da aeronautica nos Estados Unidos, afirmou que todo o dinheiro gasto na aquisição de material aeronautico desde o fim da guerra,—que já excede seiscentos milhões de libras—resulta em pura perda, pois os Estados Unidos não possuem apesar dos grandes encargos um corpo de aviação capaz de servir na defesa do país em caso de guerra.

«E' necessario gastar outro tanto se quizermos criar uma força aerea que garanta capazmente a defesa do territorio americano—mas para que evitemos a repetição do que se passou até agora, será necessario que a aplicação desse dinheiro se faça de maneira a evitar que os «manipuladores financeiros», prejudiquem a organização da defesa da patria».—(Reuter).

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

HORARIO DOS COMBOIOS

2.º Aditamento ao Cartaz-horario D. 236-(8)

LINHA DE SINES

Os comboios n.ºs 803 e 804, que ás quintas-feiras e domingos circulam, o primeiro entre Pinhal Novo e Santiago do Cacem e o segundo entre Santiago do Cacem e Lisboa-Terreiro do Paço, são prorrogados até 12 de janeiro proximo inclusivé, mas circulando sómente aos domingos.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1936.

O Director Geral da Companhia

O ANO DE 1936

da Companhia dos Telefones

Para 1936 a **Companhia dos Telefones tem o seguinte plano de trabalho:**

NA AREA DE LISBOA:

— Colocação de alguns milhares de metros de cabo subterraneo para serviço dos novos Bairros do **Arco do Cego.**
— Colocação de alguns milhares de metros de cabo subterraneo para serviço dos novos Bairros em **Palhavã e Sete Rios.**
— Colocação de alguns milhares de metros de cabo subterraneo para serviço do Bairro da **Penha de França.**
— Colocação de novos cabos subterraneos em **Benfica e Lumiar.**
— Colocação de novos cabos subterraneos no **Estoril** e em **Cascais.**
— Novos circuitos directos para

Caparica
Torre da Marinha
Montijo
Queluz
Odivelas
Povoa de Santa Iria

— Ampliação da Estação Automatica **Trindade.**
— Construção do edificio para a nova **Estação da Estrela.**
— Aumento de 1.200 linhas na Estação Norte, constituir nova numeração devido a terem-se esgotado os 10.000 primeiros numeros.
— Inauguração de novas estações semi-automaticas nas Sucursais, ligação directa a Lisboa de todas estações sub-Urbanas para maior facilidade de comunicações
— Instalação de novos quiosques na via publica.
— Instalação do novas caixas de moeda em cafés, restaurantes, etc.
— Conversão ao sistema de **Bateria Central** das Estações de

Lumiar
Poço do Bispo
Barreiro, etc. etc.

THE ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE COMPANY LIMITED

Rua Nova da Trindade, 43--LISBOA — **Rua da Picaria, 5--PORTO**

O FIM DO AN

A ilha e

vista do

num assombr de «féerie» e d

A ilha da Madeira parece um presepio de luzes, na noite de S. Silvestre

Toda a ilha arde! Parece que a terra estremece, lateja numa nova convulsão vulcanica. A noite desaparece e é dia numa estranha fulguração solar de tal maneira este extraordinario cenario de magia luminosa absorve a retina. Dir-se-ia que a Madeira é um presepio de luzes. As suas formas explodindo da materia em que são feitas: o granito secular e a rocha negra do mar converteram-se num mundo fantastico de chama. E' um arabesco luminoso feito de labirintos incandescentes, rosas vermelhas em combustão, crateras a arder, faixas zodiacais de pedrarias, diamantes preciosamente facetados de monstruosos quilates, onde ha chispas que cegam numa ofuscação de tesouro barbaro.

Sobre o seu peito de nereide a ilha, constelada de colares de lumes, é mais bela do que nunca nos seus espasmos ardentes e voluptuosos de fogo. E' uma divindade de amor, cujo corpo se fundisse sob mil caricias ardentes, lentas na consumpção da sua carne nocturna. Devem certamente os adoradores desta noite sagrada, verdadeira epifania sobre o Atlantico, entrever nas suas memorias ancestrais, através dos seculos, esse mesmo incendio que, durante meses, devastou a ilha noite e dia como um arrebol sangrento e inextinguivel.

E' um novo sacrificio, agora comentado e decorado pela mão do homem, que faz empalidecer as estrelas tropicais e a lua arabe, morna e calida que veio das paragens do Mogareb procurar a sua Atlantida renascida.

Só assim se compreende este espectaculo divino, cordilheira oirescente, que brota de noite vestida de lhamas e auriflamas, oiro fulvo, coruscante que parece um cadinho monstruoso de constelações. Olha-se e a visão nega-se a acreditar ante o anfiteatro incendiado que, de altitude em altitude, vai escalando o ceu, como um planeta que saísse do cosmos num naufragio de bruma e sonho.

Vista do mar, todos esses milhares de lumieiras lantejouladas, venturinas e topazios, opalas e ametistas, esmeraldas e rubis no semi-circulo das montanhas, dir-se-iam um leque imenso, abandonado ao mar por uma princesinha das mil e uma noites.

A geografia da ilha, com a sua paisagem de jardim, donde escorrem aromaticos oleos, não morreu! Ha flores por toda a parte, vermelhas e amarelas, vermelhas e azues, vermelhas, rôxas e lilazes, miriades de pontos incandescentes que, na tapeçaria vegetal, desabrochassem por prodigio, desenhando a nudez do seu corpo feminino.

Lá no alto nascem cascatas de luz, agua cristalina que dardeja as suas facetas, escorrendo depois pelos vales,

As serpentinas de fogo que anunciam o fim do ano na cidade do Funchal

furnas e currais, em enxurradas de oiro.

Nada ficou na sombra nesta noite feerica, noite do outro mundo, que dura na lembrança a vida inteira apesar de efemera como uma miragem. Em baixo a cidade está a arder como que tomada de assalto por corsarios ebrios de sangue e de carnagem. Mal se distinguem as suas ruas no carnaval multicor das lampadas duma voltagem intensa e refulgente

A torre de Banjer, alta e aguda como um pilone, parece um archote Côr liquida dum vermelho escaldante, verdadeira chuva de rubis cai sobre o cais e os seus reflexos tremulam no fundo das aguas, como peixes irizados dum fantastico aquario de turmalina.

Parece que o Atlantico transformou o seu azul hinalino num oceano de purpura esbrazeada. Nas margens, a fantazia, o delirio luminoso, crian maravilhas. Gambiarras rubras iluminam este proscenio irreal de beleza, onde focos inumeraveis renovam constantemente seus registos de tonalidades.

Depois é a apoteose.

Os palacios transformados por magias são navios fantasmas, amurada a arder, em fundos igneos de poente A Madeira destaca-se em todos o seus contornos, vêem-se todos os edificios, galgam-se todos os pincaros neste verdadeiro mapa planetario.

A' esquerda, os montes aparecem coroados de altas tiaras sobrecarrega dos de gemas. O Pico da Cruz é a cratera dum vulcão, cujos rios impe tuosos de lava fôssem de oiro. O d S. Martinho, é uma estrela de rubis de raios ardentes que descem até a vale—cascatas de metal em fusão.

As igrejinhas dos vilões com as su cem freguesias a orar num misticis mo que já é deste tempo, mas que espectaculo da natureza com o se cenario extraordinario de nuvens de tormentas, na solidão do Atlanti co, justifica, parecem altares, com o seus lampadarios acesos. A do Socor ro lembra um sacrario. Aqui, em pri meiro plano, um bastião romantico a Fortaleza do Pico que, com as sua torres e ameias, baluartes e muralha nitidos, precisos, surge como o dia dema dum rei medieval.

Mas ha outras gargantilhas de lu Dir-se-ia mesmo que um fogo liquid recobre todas as anfratuosidades d ilha. Que as nuvens que, por veze divagam sobre os pincaros, são o fum das montanhas a arder. Lá em cima um hospital oferece, em sinopla, sua cruz de caridade e misericordia.

1936 num placard luminoso v aparecer na noite de São Silvestr anunciando o novo ano do secul Agora em frente, neste fervilhar d incandescendencias, fulgurantes, nu vem que se adensa em poalha, distin gue-se a igreja do Monte, foguei rutila de fé, que a nevoa adelgaçad esfuma como uma visão sobrenatura Mas ha mais luz em cima. E' a tor da igreja da Consolação com o se resplandor diamantino. E lá no cim no mais alto da ilha, entre luzerna tremulas, quasi extintas, como a que rer delinear um clarão palido de so frimento, Nossa Senhora da Paz nu nimbo platinado, entre um rosar de estrelas, oferece aos homens a su imagem e a sua suplica. As estrada do Monte e de Santa Luzia caminhan divagam, sobem as alturas numa pro cissão lenta de luzes. Levadas de oi jorram, por vezes, abruptamente, da fraguas vivas.

E outras parecem cristalizaçõe d neve, estalactites finamente lavrad em filigrana argentea. Uma cruz d Cristo traça simbolicamente, num planura, o seu sinal de paz. Em ba xo mesmo junto a agua, nas «Varar

...NO NA MADEIRA

...em fogo

...o Atlantico

...oso espectaculo ...de beleza ardente

das» deste palacio em fogo, templo neptuniano, de cintilantes lumes, caiu uma estrela imensa, cujos braços de medusa, coral e amestista esbrazeiam o mar. Mais perto neste jardim de flores incandescentes, debuxado por um louco, vê-se a Pontinha avançar sobre o Atlantico como um brigue em chamas.

Das margens, recamadas de luzes, engrinaldadas de milhares de focos, toda a gama, todo o delirio da côr, numa explosão subita, propagaram-se ao elemento liquido. No fundo submarino ha uma noite de astros, um bailado de chamas.

Vieram os grandes transatlanticos do turismo, pintados de branco, noivas do mar: «Cap Arcona», «O Voltaire», o «Monte Rose», mais pequenos os nossos, cujas superestruturas ardem tambem.

Parecem de metal de tal maneira as chapas refulgem no cruzamento dos focos que em «nuances» espetrais acusam os mais insignificantes pormenores, destacando o pavilhão de Portugal. Ha um brinquedo feerico. Dir-se-ia um grande diamante lapidado, numa faiscação de lumes, reclinado no veludo azul da noite como num escrinio: o «Pedro Nunes», que desde a linha da agua até aos topes, refulge num verdadeiro deslumbramento.

A Madeira tremula sob o seu zaimph luminoso. Escorre oiro a flux. Os seus rios de malakite, esmeralda e opala descem agora, num caudal rapido as encostas, formando aqui lagos de sonho, de madreperola polida além distendendo-se, multiplicando-se inextrincavelmente, como os braços estreitos dum delta, para mais adiante junto ao mar extravazarem em cachoeira de mil côres.

E' bela esta vizão! Já não é a Madeira que arde, mas o Atlantico, o ceu e a noite na hiperbole grandiosa da sua festa. E' o farol de grande estrada planetaria que liga os dois continentes, esclarecendo o Universo!

* * *

Ha como que um eclipse de silencio neste frenetico tumulto de chama. Sente-se que alguma coisa de mais belo se ha-de produzir ainda. Um ano vai cair na ampulheta da eternidade. Está preso, apenas por um fio. São alguns minutos ainda, mas breves, em que a humanidade e a natureza parecem participar no mesmo estase profundo de esperança. Sente-se como que um crepitar surdo.

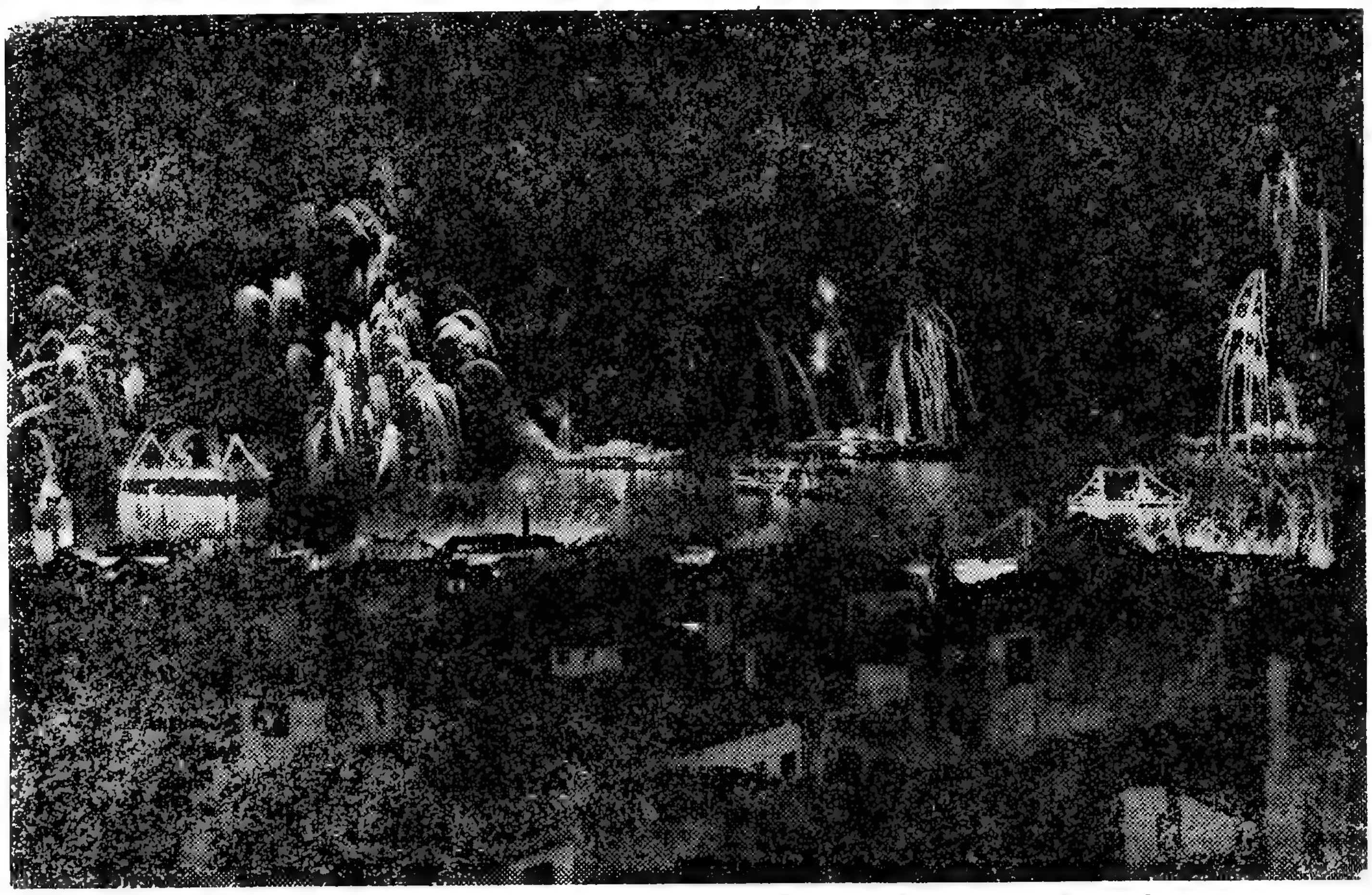
Detonações ecoam acordando os cerros, onde o fogo de Santelmo parece brilhar anunciando aos homens a presença de Deus. Então, no mais alto da ilha, fulguram os primeiros sinais luminosos.

Estamos no ultimo quarto de hora do ano. Parece que se morre para renascer depois.

E' assim a vida, e não ha fardo de sofrimentos, de agonias, de desesperos, que a redimam do seu anseio implacavel e brutal de alegria.

Começa, então, a exaltação.

A Madeira já não pertence ao abraço lacoontico do mar, mas ao espaço, de tal maneira se desprende da realidade fisica, e ascende, sob a penumbra lilaz do eter, na curva do Infinito. Uma palidez livida enche o ceu em transe. Lirios de fogo caem das alturas, opalescentes, de hastes rubras e petalas peroladas, donde se evapora como que um orvalho de fluor. As montanhas parecem geladas de assombro. Mais um segundo, e um brazeiro de astros, projectado a toda a altura sai da ilha incendiada. Então, tudo enlouquece. Enquanto as sereias estrugem, num chamamento rouco de ansiedade prolongada, submergindo-nos numa tempestade de bronze, em terra, todos os sinos tocam numa divina aleluia.



A paisagem luminosa surge como um charão chinês incrustado de jade

A multidão no furor do seu entusiasmo, numa colera frenetica, de alegria, ergue ao ceu um cantico de esperança mais terrivel que um ciclone. Deus deve ouvir o seu povo! Vegetações fantasticas desabrocham, lentamente, no espaço. Fogueiras multicores irrompem aqui e ali, arrojando turbilhões de pedrarias. No mesmo instante, as girandolas como fontes luminosas, jorram para as alturas, em curvas de cristal, entre cornucopias fulgentes e festões lilazes, as suas aguas a arder.

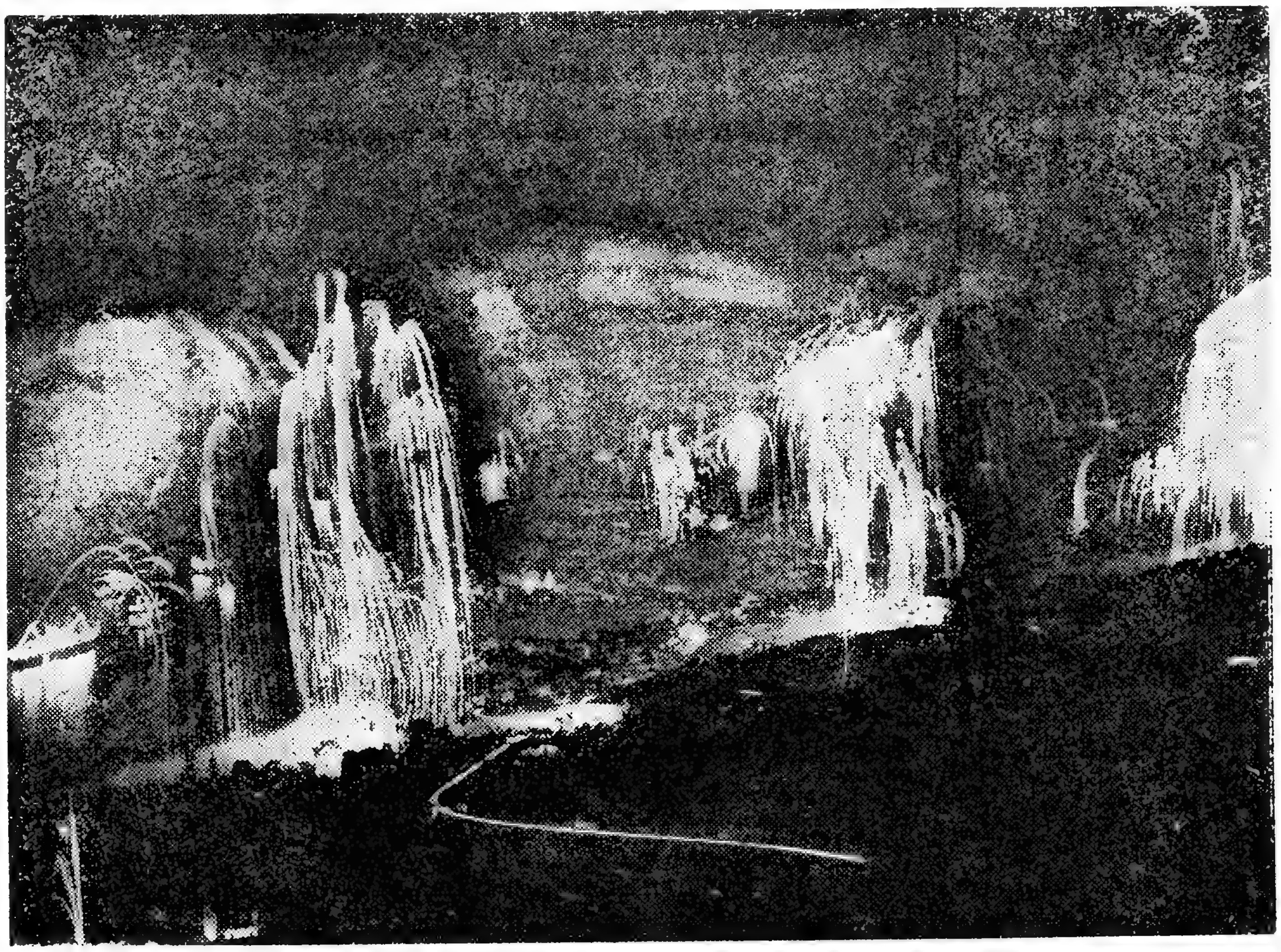
Na baia, cheia de barcos carregados de musicas, de flores, de perfumes e de mulheres que enlanguescidas desfalecem sorrindo, num beijo de amor que dura a eternidade dum segundo, o grande parque aereo que se desfolha em maravilhas, reflete-se até ás profundidades abissais. As sirenes continuam crivando numa diabolica alegria e os holofotes procuram no ceu as ultimas estrelas, para as apagar.

Entretanto a epifania do fogo totaliza o ceu.

Seres de luz irrompem nos sitios mais distantes e imprevistos, com a sua carga de cores que, na curva do ceu esgarçam as nuvens caindo em fragmentos policromos. As entranhas da terra não se cansam de vomitar metralha. Jactos verticais, coroados de prateadas estrelas, dragões de rubras escamas, lotus azues, arvores fantasticas cuja folhagem é luz, lirios opalescentes, lumareus de «very lights», com o seu verde electrico e seu soturno ribombar numa assunção ardente vão criando no espaço a mais alucinada fantasmagoria oriental que podeis imaginar, deixando um rastro branco de beleza que logo se renova noutros motivos, noutras fulgurações, em «geysers» de prata, turbilhões de sol, em «gerbes» multicores, em arco-iris, que se entrecruzam e desfazem constelando a ilha, planeta que sai do caos como um globo de fogo.

Uma hora da manhã! A noite sabe a sangue. A ilha, como uma bacante queima todos os seus perfumes, na alcova azul do mar, que docemente a estreita, beijando a sua boca ressequida de febre, depois desta volupia apaixonada do fogo. Mas sente-se que o seu corpo está ainda quente, palpita em fremitos de desejo, como querendo renovar os seus esponsais de chama no dia, enfim, que nasce mais palido do que a noite. Talvez ela tenha frio, agora que o sol numa virginal caricia recata a sua nudez para que durma e esqueça esta noite de [illegible]

ARTUR [illegible]



Um rio de luz, entre as girandolas que rebentam como cascatas de fogo

Caíu duma arvore!

deixa a familia em dificuldades

Todos os anos este acidente se repete privando muitas vezes uma familia do seu principal sustentaculo, quer a vitima não resista aos ferimentos sofridos, quer fique invalida para o resto da vida.

Não se exponha a si e a sua familia a esta horrivel eventualidade. Faça um seguro contra acidentes individuais na Companhia Europêa. Mediante um pequeno premio anual livra-se das consequencias dum desastre.

Consulte o nosso Agente regional ou escreva directamente á Europêa.

V. Ex.ª é mais previdente, está seguro na

COMPANHIA DE SEGUROS EUROPÊA

LISBOA R. Nova do Almada. 64-1.º

Que encanto de péle

É a exclamação dos homens ao admirarem uma pele cuidada com o

Sabonete Medicinal DAVON

que contém, em abundância, valiosos elementos medicinais e de beleza.

Dê V. Ex.ª também uma boa maçagem á sua cútis com a fina e rejuvenescedora espuma dêste milagroso sabonete.

"DAVON" é o único sabonete em cuja fabricação entra DAVONINE, produto de belezt muito caro, no qual está baseado o seu pode desinfectante e antisséptico.

O **"Sabonete Medicinal Davon"** suprime pontos negros, poros dilatados, herpes, comichões, urticária e gordura excessiva da pele.

Fabricado para a conservação da pele sã e tratamento da pele doente.

DAVON *Faz Pele Nova* 5 ESC.

VENDE-SE NAS FARMÁCIAS E DROGARIAS

DISTRIBUIDORES: Pestana, Branco & Fernandes - Rua dos Sapateiros, 39 - 1.º — Schroeter & Almeida - Rua da Madalena, 128 - 2.º — Lisboa. *NO PORTO* - Couto, Ld.ª - L. S. Domingos, 106-108

ASSIS BRASIL

Grande Espumante Natural

Doce (escudo azul). Sêco (escudo vermelho)

E' o preferido para as festas das Presidencias da Republica em Portugal e no Brasil, em muitas legações e em todas as casas de bom gosto.

SAPATARIA LUSA, L.DA

Calçado simples e de luxo

Vendas a pronto e a prestações semanais de 5$00

Executam-se medidas e concertos

Grande sortido em calçado caseiro

Travessa dos Fieis de Deus, 69

Aperitivo Estomacal

DÓMUZ

Bêba uma só vez.. Verá que bom!...

Anis delicioso

Agradavel Suave

José Emygdio Ribeiro Corrêa Guedes

Missa do 5.º aniversário

Sua viuva e filhos mandam rezar no dia 4 pelas 11 horas na igreja de S. Domingos uma missa pela sua alma.

Desde já agradecem a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

Quere a sorte grande?

Habilite-se na Tabacaria MADRID

Rua do Mundo. 115

O prémio dos

FOSFOROS PATRIA

coube pelo sorteio público das séries realisado ontem na Misericordia de Lisboa ao possuidor da Senha 7706 — Série 97

Sr. Antonio Pereira

sargento Caçadores 7 — Lisboa

a quem vai ser entregue

Uma conduite Monoquatre Renault ou uma Fourgonnete Renault ou um Cabriolet Grand-Luxo Renault.

á escolha do concorrente brindado

Diario de Lisbôa

Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA – Telefone 20271

PROBLEMAS LITERARIOS

Da imaginação do romancista

por João Gaspar Simões

Contar uma historia, é coisa que toda a gente fez, com certeza. Não ha nada mais facil: basta um bocadinho de memoria ou um quasi nada de imaginação. As historias que o povo conta são quasi todas contadas com a memoria. A propria Historia dos povos se funda na memoria do povo. E' relativamente nova a Historia edificada sobre documentos. Mas até entre o povo que conta historias ha quem as conte com a imaginação. Ora a imaginação que nos serve para contar historias é uma especie de memoria deformada. Em geral, os mais favorecidos de memoria são os menos favorecidos de imaginação, e vice-versa; por onde se denuncia que para se ter imaginação é preciso de qualquer maneira corromper a memoria. Quando contamos uma historia a nossos filhos, regra geral repetimos outras que nossos pais nos contaram. Se a nossa memoria conserva ainda o seu frescôr, a historia cingir-se-á tanto quanto possivel áquela que em tempos nos contaram; então contamos com a memoria: a menina do chapeuzinho encarnado encontrará sempre o mesmo lobo, colherá sempre as mesmas flores, terá sempre a mesma avó. Mas, se os anos nos gastaram e a nossa memoria caducou, sob pena de emmudecermos em frente dos olhos crueis das crianças, que não sabem perdoar uma historia interrompida, teremos de «imaginar». Com o chapeuzinho encarnado da menina que falou com o lobo toucaremos uma princesa adormecida num palacio encantado em meio dum bosque dormente, o lobo servir-nos-á para se encontrar com uma raposa que lhe faz vêr um queijo no fundo de um charco e a avó da menina talvez nos seja util para fadar a gata borralheira... Involuntariamente, se não nos desfaleceu a coragem, chegamos ao fim de uma nova historia: imaginámos! Com que surpresa nos não certificaremos nós disso! E, afinal, foi tão simples: um bocadinho de boa vontade para que a criança nos não censurasse, um quasi nada de esforço para nos lembrarmos de velhos fragmentos de historias e um tudo nada de atenção para que a princesa se não esquecesse do chapeu quando, acordada pela varinha magica, vai partir no ginete do desencantador, e imaginámos uma historia! Houve apenas uma coisa que nos repugnou: vermo-nos obrigados a não respeitar o pouco de memoria que ainda nos restava. A verosimilhança da imaginação fez-nos perder o respeito pela verosimilhança mesma—a memoria. Eis como se imagina: deformando a memoria.

Um romance é uma historia para crianças crescidas. Assim como para contar historias a crianças é preciso imaginar dentro do universo da memoria que é o cerebro de uma criança—falar-lhe do que não existe—para se contarem historias a crianças crescidas é indispensavel imaginar dentro da sua propria memoria delas. Não lembrar-se o romancista de factos que a memoria guarda intactos e narrar-lhes os factos mesmos—a narração de factos muito bem lembrados é tarefa de «reporter»—mas «imaginá-los». A narração do que aconteceu ali em baixo ou do que está a acontecer na China gosa de favor momentaneo junto de quem lê: as palavras do jornal através das quais ficamos sabendo que ardeu um predio ou se travou um combate na Manchuria, passaram pela nossa imaginação sem quasi a tocarem. Por detrás de cada frase nós viamos o que acontecera independentemente de o «reporter» nos ter dito que realmente acontecera. A certeza em que estamos, ao lêr, de que as noticias dos jornais são exactas torna-nos indiferentes ao texto que no-las reproduz. O melhor «reporter» é aquele que se apaga ante a realidade que nos quere dar a conhecer. Não assim o melhor romancista. Em principio, quem lê um romance está convencido—e se o não está, seria bom que estivesse—que nada do que se lhe conta aconteceu fora das paginas do livro. Que os factos se tenham dado ou não, que o romancista nos narre a sua propria vida ou a de outrem—eis o que não importa a quem lê um romance. O que ali está naquelas paginas é a verdade—aquela é a realidade e não ha outra. Todavia, o romancista não inventou, imaginou. Imaginar é, como ha momentos dissemos, deformar a memoria. Nada impede, por isso, que um romancista tenha visto um incendio e no-lo descreva ou tenha ido á China e nos diga o que por lá viu. Simplesmente lhe exigimos que não se limite a ser fiel á sua memoria. A memoria não interessa ao leitor desde que, antes de tudo o mais, teve o escrupulo de lhe ser fiel. Imagine-se que o incendio a que ele assistiu foi realmente terrivel. Todos os habitantes do predio morreram carbonizados. O romancista, para respeitar a memoria do facto, transmitia-o tal qual: «todos os habitantes do predio ficaram carbonizados: o corpo de Lucilia foi encontrado entre os escombros, escrevia ele, compenetrado. Efectivamente Lucilia, a mulher que esse proprio romancista conhecera e de quem fizera sua heroina, morrera num incendio. Mas o leitor, que não conhece senão a heroina, protestára: «Como assim? Então, o heroi não prometera encontrar-se no dia seguinte com a heroina? Como explicar aquela palavra de esperança dita por ela no instante da despedida? Não conspirava tudo no romance para que ela vivesse? «Evidentemente. Na logica da obra escrita aquela morte é um borrão estupido. Que importa ao leitor, arrastado na torrente das paginas do romance, que o romancista lhe tenha, estado a contar uma historia, a cuja veracidade não quere fugir? Na vida ha muitos casos estupidos: a morte daquela heroina pode ser verdadeira na vida, mas no romance—na arte do romance—é falsa. O romancista deveria ter desrespeitado a sua memoria para servir a sua imaginação.

Um romance é, com efeito, uma obra essencialmente imaginada. O tipo caracteristico da imaginação do romancista é o da imaginação fundada sobre a directa deformação da memoria. O romancista imagina de uma maneira inteiramente diferente do poeta. Ora é com certeza devido á raridade dos tipos de imaginação não poetica dentro da literatura portuguesa que o nosso romance tem poucos cultores. Todos nós, portugueses, somos mais ou menos poetas; e a imaginação do poeta, como é da propria sabedoria popular, está longe de ser uma imaginação realista, como é a do escritor de romances, isto é, uma imaginação fundada no facto colhido pela memoria. A imaginação do poeta é idealista, quere dizer, ciosa da idealidade abstracta dos seus proprios termos. O poeta imagina uma realidade para uso pessoal, sem pontos de contacto com o mundo, onde, graças ao sortilegio de uma linguagem já de si imaginativa e metaforica, fez viver seres e coisas sob a aparencia que melhor convenha a uma emotividade momentanea. As mulheres cantadas por Camões são tão abstrata e idealmente imaginadas que não ha biografo camoneano capaz de estabelecer dados concretos sobre os quais se funde um criterio de identidade entre essas figuras de poema—e as mulheres que Camões amou enquanto homem. E' certo que ninguem identificou ainda o modelo do conselheiro Acacio, mas o caso é outro. A imaginação que serviu a Eça de Queiroz para armar essa inolvidavel figura é do tipo realista. Não—ha pormenor em Acacio que não seja objectivamente verdadeiro; porém, não quere dizer que o seja em alguma pessoa individualmente. Só o poeta pode cantar as mulheres que amou, porque o seu canto as despersonalisa. Se quizessemos ser quasi precisos, diriamos: o poeta parte do particular para o geral, o romancista do geral para o particular. A emoção despertada na alma do poeta pelo amor de uma Beatriz leva-o a cantar o amor de todas as mulheres; para que o romancista atinja a profundidade do coração de um homem que amou terá de ter conhecido antes o amor sob uma multiplicidade de aspectos. A experiencia pessoal do romancista não basta. A suposta paixão de Camões pela infanta D. Maria explicaria toda a poesia amorosa do nosso poeta; um grande amor, só, não poderia explicar nunca «O Amor de Perdição» ou a «Madame Bovary». Para se descrever o fenomeno amoroso em tal ou tal heroi de romance é indispensavel ter observado a influencia do amor nos outros homens. A experiencia pessoal do amor manter-se-á subjacente á observação de quem o descreve. Eis por que a identificação do conselheiro Acacio se não pode fazer: nunca existiu um conselheiro Acacio, existem infinitos conselheiros Acacios... Se Acacio tivesse existido, Eça não o poderia ter criado: te-lo-ia descrito á maneira do «reporter», escravo da memoria em que nós acreditamos sob palavra, certos de que ela nos confia um facto verdadeiro.

Se o conselheiro Acacio não pode ser identificado com modêlo algum, ha uma infinidade de homens que nós facilmente identificariamos com ele. E' esta e não outra a caracteristica realista da imaginação do escritor de romances. Enquanto os personagens por ele criados são sêres possiveis, os criados pela imaginação do poeta são seres impossiveis.

Camilo Castelo Branco tinha tão pouca confiança na sua imaginação de romancista que em não poucos dos seus romances—diriamos melhor: novelas—teve o cuidado de indicar, em nota, onde colhera os elementos da sua fabula e em que terras tinham vivido os seus herois, quem eram, a que familias pertenciam. Inutil prevenção. A par do golpe de vista fulminante que Camilo nos não deixa de mostrar em uma pagina, pelo menos, de cada um

(Vêr continuação na pagina seguinte)

O filosofo Francis Jammes, conhecido no mundo literario como o "Patriarca dos Pirineus" região onde ha muitos anos fixou residencia

Da imaginação do romancista

(Continuação da pagina anterior)

dos seus romances, onde se denuncia o olho habituado a vêr e a deformar imaginativamente a realidade, o autor das «Novelas do Minho» não deixará de ser arrebatado para o impossivel: a imaginação do poeta em breve afogará nela a do romancista. E então, mais uma vez a memoria da realidade sobre cuja deformação o romancista deve edificar a sua obra cederá o passo á idéa da realidade, isto é, a uma abstração poetica.

Tarefa ingrata a do escritor de romances: a sua atenção e os seus olhos têm de estar sempre fitos no mundo, através da sua memoria; todos os raptos de imaginação lhe são vedados desde que ameacem os limites do concreto. Pormenor a pormenor, como um pedreiro construindo um muro, a sua obra vai-se desprendendo dele mesmo, concreta, verosimil, humana. Toda paciencia é pouca para esperar, toda serenidade nenhuma para agradar o momento da exaltação. Porque o romancista tambem se pode exaltar, mas não quando quere, quando os seus personagens querem que ele queira. Admiravel escola de disciplina: Indisciplinado escritor português—sê romancista.

JOÃO GASPAR SIMÕES

Sózinha

Aquela morena,
De tímido olhar,
Dá gosto.... e faz pena
Ao vê-la passar.

Faz pena.... dá gôsto....
Arranca o desejo
De prender-lhe o rosto,
Mordê-la num beijo.

Faz pena, tambem,
Andar tão sózinha!
Não ser de ninguem,
Podendo ser minha.

VITOR LOPES

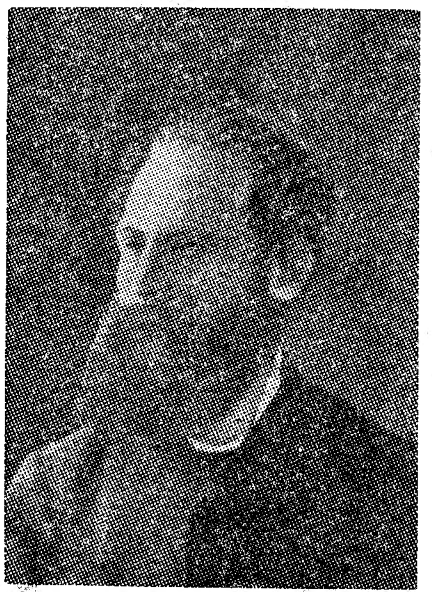
Uma carta de Antero a Wilhelm Storck

O sr. Harri Meier, em edição do Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, publicou agora um interessante opusculo com três cartas ineditas de Antero do Quental a Wilhelm Storck, celebre historiador e critico literario, que tornou conhecida na Alemanha, entre 1880 e 1890, a poesia epica e lirica portuguesa. Com a devida venia a Harri Meier, reproduzimos da sua curiosa obra, esta carta do grande poeta dos Sonetos:

Villa do Conde, 29 de Março (91)

Ex.° e caro Amigo

Auzente de casa ha bastantes mezes, só ha poucos dias, voltando aqui, encontrei a sua carta e o precioso volume que a acompanhava. Não tinha



ANTERO DO QUENTAL

eu porém esperado até agora p.ª tomar conhecimento do seu livro (1), pois em Novembro do anno passado, achando-me em Lisboa, tive o prazer de o ler, por emprestimo do nosso amigo Oliveira Martins. Sinto que o meu voto, em materia relativamente alheia aos meus estudos, seja de tão pouco peso, e não ter por isso auctoridade bastante para louvar o seu bello trabalho. Mas, se alguma cousa vale a simples impressão d'um curioso dir-lhe-hei que me encheu as medidas e que nunca poude suppor que, com os escassissimos elementos ao dispor de quem estuda a vida de Camões, se pudesse fazer obra tão satisfatoria e, relativamente, tão completa. A segurança da critica e a sobriedade das hypotheses sempre plausiveis e naturaes, o sentimento da epocha, do paiz e do caracter do homem, a nitidez das couclusões, tudo isso me encantou no seu livro tanto mais quanto não estamos acostumados, cá em Portugal, a ver tratada a biographia de Camões por esse methode sobrio e racional. Que mais lhe direi (na impossibilidade de entrar, em profano, no exame dos pormenores) se não que a sua biographia de Camões deixa no espirito de quem a lê uma imagem nitida, coherente e, até onde eu chego, exacta, ou, pelo menos, altamente plausivel da personalidade e da vida do nosso grande poeta? Receba pois, meu ilustre Amigo, os meus sinceros parabens pelo seu trabalho e ainda os agradecimentos que, como portuguez, lhe devo pelo relevante serviço prestado á litteratura portugueza.

Juntamente com esta carta tenho o prazer de lhe enviar um exemplar da 2.ª edição dos *Sonetos*, augmentada agora com bom numero de traducções em varias linguas, entre as quaes algumas das suas excellentes, tendo eu escolhido da preferencia as d'aquelles sonetos que tambem haviam sido traduzidos n'outra lingua, por me parecer que algumas pessoas achariam curioso fazer o confronto de varias traducções d'um mesmo soneto. Oxalá que V.ª Ex.ª approve este ponto de vista que tomei para a escolha que fiz das suas traducções. Em quanto ás que agora me enviou, fineza que muito lhe agradeço, achoas bonissimas e fidelissimas, tendo só a fazer uma observação ao V. 28 de *Entre Sombras*, e é que a idea do verso «Agua correndo em crystalina urna» é a de agua correndo de uma fonte *para dentro* d'um vaso: sendo este de crystal, suppõe-se que o som d'essa pequena queda d'agua será ainda mais harmonioso. Talvez a expressão de que usei não seja muito exacta e que devesse antes ter posto: «Agua *cahindo em* crystalina urna», mas, em todo o caso, a idea é a que aponto. (2).

Os meus versos lyricos foram publicados em volume em 1872, com o titulo *Primaveras Romanticas*: a edição esgotou-se depressa e não se reimprimiu, de sorte que eu mesmo não possuo exemplar algum d'esse livro, tendo por isso de passar pelo desgosto de não poder agora enviar um a V. Ex.ª. Entretanto, como o Oliveira Martins possue um exemplar, e como eu muito brevemente voltarei a Lisboa, supprirei quanto possivel a falta, copiando ali, para enviar a V. Ex.ª aquellas composições que me parecem mais a^adas para a sua Anthologia. Por agora limito-me a enviar-lhe duas pequenas composições, não incluidas nas *Primaveras* por serem posteriores ao anno de 72. A segunda *(Serenata)* nunca foi impressa, que eu saiba, embora não seja de modo algum inedita, pois, tendo sido composta, ha 4 annos, na Ilha de S. Miguel, a pedido d'um grupo de rapazes, que ali formaram uma sociedade cantante, é lá muito conhecida e cantada por esses e outros nos seus passeios musicaes em bellas noites de verão. O *Epitaphio* foi expressamente composto para tumulo d'uma menina (irmã de Joaquim de Araujo) e n'elle está gravado, no cemiterio chamado Prado do Repouso, no Porto. Creio porém que já d'ali foi transcrito e impresso algures.

Dato esta de Villa do Conde, mas já aqui não terei demora senão de dias. Ahi por 15 de Abril terei voltado para Lisboa, onde me demorarei alguns mezes. A minha morada ali é Rua da Fé, 12.

E sou de V.ª Ex.ª, com a mais subida consideração

Amigo aff.° e grato

Anthero de Quental

Henri de Regnier, uma das penas mais elegantes da literatura francesa

Na vasta familia dos poetas não são muitos aqueles que têm celebrado a Alegria. Nem admira! A verdadeira alegria ainda é mais esquiva de expressão de que a propria dôr. Carlos Maul, poeta brasileiro de grande talento e fina emoção, sonhou ser e é, realmente, um evocador e vate das energias afirmativas da vida, da alegria de viver, de criar, de agir, de esperar e crêr, em suma. No seu ultimo livro «Poemas antigos e modernos», reuniu ele os seus principais canticos de fé e de vitoria. Não quere isto dizer que faltem ali as queixas da alma ferida, nem os protestos magoados dum coração sempre rebelde. Mas a impressão geral que deixa o cativante volume é a de triunfo pleno sobre as forças deminuidoras do eterno impeto humano para a conquista da verdade, da beleza, da justiça, do amor e da felicidade. O sol, a primavera, o mar, a selva, a delicia da ascensão na limpidez das manhãs cristalinas—eis os temas preferidos de Carlos Maul. Poeta dum país novo, pulsante de seiva e vibrante de aspirações moças, condensa e traduz nos seus poemas ardentes o anseio e o dinamismo prodigioso do Brasil, e, como ele, contempla sempre, extasiado, a miragem sedutora do futuro...

Conta uma revista francesa que William James — o ilustre filosofo americano — era tambem um professor de alta intuição pedagogica. Isto é—adivinhava sempre, através de quantos actos de indisciplina ou de quantas manifestações de preguiça eles revelassem, a superioridade intima dos alunos.

Gertrude Stein, escritora que nos Estados Unidos alcançou uma vasta e justa reputação, foi aluna de James, e deu-se com ela este curioso episodio: —não sabendo responder no exame final, á prova escrita, contentou-se em declarar que as preguntas eram muito interessantes, mas que tendo ido á Opera nas ultimas noites, e estando um dia de Primavera muito bonito, não se sentia capaz de escrever uma unica palavra de filosofia. Que lhe aconteceu? Ficou reprovada? Nada disso. William James, tal confiança tinha nos meritos da aluna, que se contentou em mandar-lhe dizer:—«Acholhe muita razão. Aprovo a sua conduta». E em post-scritum»: «evidentemente, terá a nota mais alta no seu exame».

Houve em tempos em Londres uma «Livraria de Poesia». Fundou-a, ha vinte e dois anos, o poeta—nem podia deixar de ser poeta quem se abalançasse a tal empreza—Harold Monro. De principio, ainda o aspecto comercial da simpatica livraria não foi muito mau:—os livros iam-se vendendo, o publico ia afluindo, e a fachada da lojinha, de côres claras e atraentes, detinha a curiosidade dos transeuntes. Depois... Depois veio a guerra, e após a guerra, veio a crise, e a crise trouxe a indiferença, se não o desprezo, pela poesia e pelos poetas. O grupo que se juntava todos os dias no pequeno salão de «The Poetic Bookshop» dispersou-se, a maior parte dos seus componentes, a começar por Monro, tendo partido para a guerra. A paz voltou—mas não voltou a prosperidade ao vendedor de poemas. Até que um dia, o pobre Monro sucumbia aos estragos tanto da doença como das inquietações causadas pelas dificuldades do negocio idealista, e a sua ironia, enfim, cerrou as portas da livraria. Não parece que jamais se reabram. Fecharam-se de vez. Merecem, porém, o poeta e a sua iniciativa, quatro palavras de saudade e o preito agradecido dos coleccionadores de sonhos...

Dez minutos com

Luiz Forjaz Trigueiros

Luiz Forjaz Trigueiros é um dos valores mais apreciados da novissima geração, um «menos de trinta anos» que se afirmou rapidamente um jornalista de brilhantes qualidades. O jornalismo é a sua paixão. No Diario da Manhã *e no semanario* Bandarra, *tem publicado reportagens e artigos de arte num estilo moderno, flexivel, rico de imagens coloridas, que chamaram a atenção para o seu nome.*

Luiz Forjaz Trigueiros é tambem um conferencista de valor. O nosso Suplemento Literario *referiu-se largamente a uma das suas conferencias mais notaveis, aquela em que se ocupou da personalidade de Eça de Queiroz com apreciavel espirito critico e preocupação de cultura que muito o honram.*

Luiz Forjaz Trigueiros tem hoje a palavra, neste rapido inquerito semanal aos valores marcantes das letras portuguesas.

Como trabalha?

—Se eu preguntasse antes «como gostaria de trabalhar» dir-lhe-ia: socegadamente, isolado, longe da algazarra das multidões e das «capelinhas literárias sofregas de publicidade. Infelizmente, porém, não posso trabalhar como queria e escrevo quasi sempre, sem método nem disciplina, quando após um dia de luta resolvo conversar comigo mesmo. Por isso, trabalho quasi sempre á noite e—diga-se de passagem—quanto mais tarde melhor.

—*Isolamento?*

—...ou indiferença, se quizer chamar-lhe assim. Entendo que um escritor novo que queira defender-se de todos os vicios, de todos os erros, de todos os *bluffs* literarios do nosso tempo e dos de um passado proximo, tem de isolar-se da multidão ou manter-se acima dela. Se não defendo a torre de marfim «cem por cento» compreendo-a e desculpo-a em certos casos.

—*O jornalismo?*

—Será a grande literatura do futuro quando se souber fazer: jornalismo de idéas—o que entre nós ainda é um pouco vago. Por mim, desejaria que se désse em Portugal á palavra «jornalista» o seu verdadeiro significado e que se visse quanto ha de nobre, de nobilitante, nessa profissão que nos tem dado os maiores dos nossos escritores. De resto, se tenho o direito de ser ambicioso, desejo apenas ser sempre jornalista—continuando um nome de que me orgulho e que ao jornalismo consagrou a sua vida inteira.

—*Dos seus livros?*

—Preferia que não falasse—porque na minha idade uma pregunta dessas abre um caudal de esperanças e de ilusões. O lisongeiro acolhimento que teve o *Nacionalismo de Eça de Queiroz*—simples folheto que pretendia apenas, pelo valor da figura que estudava, guardar nas suas paginas uma conferencia radiofonica—tentou-me a escrever um volume de ensaios que possivelmente só será publicado para outubro. Antes disso, porém, desejaria terminar um romance em que trabalho com carinho e que pretende ser um estudo psicologico em torno do grande drama da minha geração, o drama dos de vinte anos, dos homens que começam agora a subir a dura estrada e que encontram á sua volta um mundo que não os compreende nem os acompanha...

—*Chamar-se-á!*

—«O cabo das tormentas»—isto é, a étape dos vinte aos trinta anos na vida dum homem de hoje com todas as duvidas e todas as inquietações que os homens do seculo passado não conheceram mas inconscientemente nos legaram.

A Inveja e o Rei

A um canto do parque do palacio real havia uma casinha onde habitavam duas velhas. Duas velhas muito feias, muito más, e muito velhas. Não queriam que ninguem as visse e as janelas estavam sempre fechadas. Só de noite, a horas mortas, é que saiam de casa a procurar alimentos. Rabujentas, malcriadas, se uma petala de flôr caía junto da porta levavam horas e horas irritadas, a discutir, e, se o rei atirava da sua varanda qualquer pequeno papel, barafustavam, impertinentes; como se um tejolo ou uma pedra lhes amolgasse as cabeças.

O rei andava intrigado, e não sabendo da existencia das duas velhas chegou a pensar e a supor que nessa humilde casita viviam talvez duas meninas de melindrosa formosura e fragil delicadeza.

Epassando das idéas ás fantasias, el-rei deu em aparecer amiudadas vezes á varanda, tossindo e cantarolando, para chamar a atenção das misteriosas donas. Depois, passou a suspirar, e em seguida passou a dizer:—deixa-te vêr deliciosa cabecinha! Aparece-me divino sorriso da minha alma!

Equanto mais o rei se mostrava enamorado, mais as velhas se escondiam. Porém, pouco a pouco, esqueceram-se da velhice, das rugas, dos joanetes, e perderam a cabeça.

Um dia em que o rei hes dizia:—a minha magoa não acaba sem vos vqr-sem vos beijar, uma das velhas resolveu mostrar-lhe apenas a ponta de um dedo. Durante oito dias, não fizeram outra coisa senão chupar os dedos das mãos para verem qual das duas conseguia apresentar um dedo fino, desencarquilhado, jovem, que pudesse iludir o desgraçado monarca.

A mais velha, de tanto chupar o dedo indicador da mão direita, conseguiu, sem esforço, mete-lo pelo buraco da fechadura e com voz melodiosa chamou el-rei e segredou-lhe:—Nada mais posso mostrar-vos.—Mas se eu vos disser que vos quero para companheira da minha vida?

A velha julgou, então, que era chegado o momento de dar o derradeiro golpe:—Se prometes receber-me ás escuras, irei procurar-te amanhã.—O rei prometeu, despediu-se, e foi-se embora.

A velha fez demoradas maçagens á cara e puxou todas as rugas, atando-as atrás das costas com um fio muito grosso.

Alta noite, saiu de casa, dirigiu-se ao palacio e caiu nos braços do soberano que a abraçou um pouco desconfiado com o volume das costas. Supondo que seria outra pessoa e não aquela que o seu desejo estremecia, chamou os criados e pediu-lhes que trouxessem luzes.

Qual não foi a surpresa do rei diante da velha, muito velha e muito feia! indignadissimo, ordenou que a atirassem da janela. A velha tentou defender-se, dando beliscões e pontapés; e dizia, a espernear.

—O caldo da galinha só é bom se a galinha fôr muito velha.

Porém, tudo foi inutil. Os criados, por fim, lá conseguiram atirá-la da janela, e essa brutal violencia fez com que a sorte lhe surgisse.

Presa aos galhos de uma figueira, debatendo-se grotesca, assim esteve pendurada até romper a manhã, e sete fadas apareceram e condoídas lhe disseram:

—Serás bela, jovem, rica, nobre, virtuosa, inteligente e amada.

O dia rompeu luminoso e o rei, chegando á varanda, quasi que não respirou deveras maravilhado. Debaixo da figueira, sentada, uma linda rapariga prendia ao peito um fresco ramo de lilazes.

A correr, desceu a larga escadaria e foi cair de joelhos aos pés dela.

Trocaram breves palavras, prolongados beijos de amor, e, em seguida, casaram na maior simplicidade.

Quiz a noiva que, entre os seus convidados, figurasse a irmã coberta de ametistas e rubis. El-rei, não se opôs, simpatisou com a idéa.

Durante o jantar, a certa altura, a mais nova preguntou á mais velha:

—Olha lá,, o que foi isto? O que foi que tu fizeste para voltar á juventude e possuir tanta belesa?

—Come, que depois conversaremos. Agora não é possivel...

—O que pede tua irmã?—preguntou el-rei á sua amada.

—Um pouco de doce, meu amor!

Imediatamente os criados, á ordem do soberano, trouxeram saborosissimos doces.

Mas de novo, a velha invejosa deu um puxão no vestido da irmã.

—Por Deus, não sejas agora maçadora.

Ansiosa, voltou a dar outro puxão.

—Queres saber o que eu fiz? Mandei arrancar a pele.

No fim do banquete, a pretexto de que se sentia incomodada, a velha saiu da sala, saiu do palacio, e foi á procura de um barbeiro.

—Aqui tens cinquenta moedas de prata para me tirares a pele das pontas dos pés á cabeça.

Supondo estar em frente de uma pobre mulher anormal, o barbeiro respondeu-lhe:

—Tem juizo, vai para casa.

—Se julgas que endoideci, enganaste, meu amigo. Obedece ás minhas ordens e verás que muito mais te darei.

E tanto insistiu, tanto insistiu, que o barbeiro pôs-se a afiar a navalha. Depois principiou a descascá-la. O corpo amarelento da velha jorrava sangue por todos os lados.

O barbeiro, de vez em quando, assustado, parava, surpreendido daquela heroica resistencia.

—Não pares—dizia ela—o sacrificio tem que sêr bem doloroso...

Mas... desmaiou, não pôde mais... E logo a seguir, morreu.

ANTONIO BOTTO

Poetas modernos

CANÇAO DO INFINITO

Pra além do que nós vemos,
do céu, do sol, do espaço imenso,
há céus, há sois dum brilho intenso,
há espaços siderais!
Pra além do nosso mundo,
há mundos — muitos mais.
Pra além do espaço há espaço.
Pra além do tempo há tempo.
Atrás de cada esfera há outra esfera.
Depois de cada mundo há outro mundo —
— mundos de sonho, mundos de quimera!

E o céu imenso, imensamente fundo
parece um oceano
onde peixes enormes, vagarosos
e fosforescentes
andam rolando como se estivessem
perdidos ou dementes.
E o Universo assim
é sempre um mar enorme
onde não há princípio
e onde não há fim.

Pra além duma idéia há outra idéia
Para além do Amor há a Paixão.
Para além da Quimera...
há a Desilusão.
Há sempre para além
do além
— o mais além.

Há sempre a navegar nos céus
à procura dum fim,
à procura dum Deus
algum astro cadente,
que foge,
foge
sem parar!
que anda sem se cançar
muito...
muito...
sempre cada vez mais,
que corta espaços colossais,
que anceia por chegar a um fim,
que vôa.
que não pára nunca mais
e nunca mais atinge
a meta que procura.

Há sempre a navegar nos céus
um aerolito
que corre como a Idéia Pura
e que por muito que ande e que procure
pra além do Infinito
só encontra Infinito.

FOYOS TEIXEIRA

(Do livro "Alegoria")

PORTUGAL

Mas que figura tragica e tamanha,
O Mar segue na tarde, pelo ar,
Julgam-no as nuvens, longe, uma montanha,
E as águias nos seus dedos vão pousar.

NUNES CLARO

Arde a chama da Pátria em cada morto,
E em todos nós palpita um coração;
Em cada mastro que demanda o pôrto
Tremula, ufano, o nosso pavilhão.

Fica um instante pensativo, absorto,
E comovido na contemplação:
Do génio do Infante, no seu Horto.
A transformar as trevas em clarão!

O tempo tudo come e despedaça:
Palácios, invenções, canais, estátuas,
Beleza, glória, amor, virtude, graça...

Nada resiste ao seu labor profundo;
Mas dentre o demolir das fôrças fátuas,
— Fiques tu, Portugal, de pé, no mundo!..!

MARCOS ALGARVE

HUMORISTAS PORTUGUESES

Um capitulo do "Baile dos Bastinhos"

De ARMANDO FERREIRA

ARMANDO FERREIRA

Armando Ferreira, humorista de brilhantes qualidades, propôs-se tratar numa serie de volumes este tema sugestivo qle deu o titulo á colecção: Lisbca sem camisa.

Recordam-se de que um dos livros mais apcciados de Gervasio Lobato se intitula precisamente Lisboa em camisa.

Pois Armando Ferreira resolveu despir a camisa a uma certa sociedade lisboeta e apresentá-la tal qual ela é, na nudez humoristica da verdade. Pois nem por ser pintada em caricatura, a jauna pitoresca que ele descreve no seu ultimo livro, O Baile dos Bastinhos, *deixa de ter menos verdade e menos interesse literario.*

E' dêsse livro, magnificamente apresentado, com uma capa sugestiva de Francisco Valença e ilustrações de Carlos Botelho, que hoje transcrevemos um dos capitulos mais interessantes:

Foi em 1816, em plena guerra europeia. Artur Bastinho, andava ao mesmo tempo arreliado com o ataque dos aliados nos Dardanelos e com um novo ataque de diabetes. Avançava e recuava as bandeirinhas que marcavam as frentes de combate em todos os mapas que ornavam a sua casa de jantr, cooperando assim nas operações militares, contra os alemães, culpados de não haver pão branco, nem carvão, nem trigo, nem peixe, nem carne, nem açucar... e de fazerem fugir a freguesia á sua «vitela americana».

Quando entrou no *bilhar* da rua Jardim do Regedor, onde ia fazer a costumada partida com o Macario, apresentava um ar tão grave em face dos problemas europeus e dos sofrimentos proprios que o compadre, para o distrair, o convidou:

—Homem; vem amanhã almoçar a minha casa... Temos uma bacalhausada e uma compota de ginja...

Artur teve um suspiro de desanimo e, com o ar mais confidencial e tragico, disse-lhe a meia voz:

—Não posso. Estou cheio de açucar. Devo ter toneladas...

Dali a bocado, quando o Macario estava a fazer uma serie de 25 carambolas, Artur Bastinho viu um sujeito que estava a vê-los jogar, aproximar-se e dizer-lhe quasi ao ouvido:

—Desculpe-me não esperar pelo fim da partida, mas não ha tempo a perder. Eu ouvi o que disse ha bocado. Aqui tem 500 escudos de sinal. O negocio vai a meias... Deve render-nos uns mil contos. Mas, nem uma palavra a ninguem, nem mesmo ao seu parceiro... Olhe que pode estragar tudo... Amanhã cá estou para lhe dar contas do que conseguir...

E abalou depois de lhe ter apertado a mão com energia...

Bastinho ficou sem perceber. Guardou os 500 escudos, que o iam livrar do protesto duma letra que se vencia no dia seguinte, mas mergulhou-se em mais fundas duvidas e suspeitas: «Seria um espião *boche?»*

Mal dormiu essa noite, a pensar que podia talvez ter em casa dinheiro alemão, e sem saber que serviços traiçoeiros havia de prestar por toda aquela riqueza que lhe caía inesperadamente do ceu. A Urania ouviu-o sonhar alto, em «plano de metralhadora» e «não me tapem os olhos» mas abafou-lhe os ruidos dando com o travesseiro na cabeça, o que o aliviou por instantes.

No dia seguinte entrou no Bilhar cheio de ansiedade. Embora não pudesse precisar bem as feições do homem misterioso, não o viu lá. Ficou aliviado, pois estava disposto a negar que tivesse recebido qualquer dinheiro dum desconhecido e sem passar recibo...

Tinha sido um equivoco e os equivocos pagam-se.

E, como bom comerciante, achava-se legitimamente na posse dos quinhentos escudos.

Jogou, jogou com entusiasmo; levava mesmo 10 carambolas de avanço sôbre o compadre, e ia gritar «marque lá mais 3 á preta» quando o guarda-vento se abriu e o *homem misterioso* entrou apressado e ofegante.

Dirigiu-se a ele, pediu licença ao Macario, e levando-o preso por um braço para o canto duma janela, explodiu, entusiasmado:

—O senhor é um homem de sorte! Aqui tem mais um conto. Já tenho o negocio meio fechado. Duas toneladas troquei por carvão que vendi aos Transportes Maritimos; outras duas vendi-as ao Consorcio de Produtores de Capilé. Devemos ganhar quinhentos contos cada um... Por agora não preciso de açucar. Deixe-o estar bem arrecadado. Olhe que o segredo é a alma do negocio...

Artur Bastinho percebia vagamente que estava envolvido numa grande venda de mercadorias, de que a unica coisa palpavel era um conto de réis que tinha na mão. Balbuciou:

—Eu logo vi... Quere a parte de leão?... Pois fica com 60 por cento dos lucros e não se fala mais nisso. E' bom lembrar-se que se o senhor tem o produto açambarcado, é porque o governo não sabe; mas quem corre o risco e tem o trabalho de o colocar sou eu...

—Mas...

—São sempre assim estes comerciantes! Acha pouco quinhentos contos sem trabalho nenhum!? Deixe-se de exigencias e... até amanhã.

Escreveu alguns numeros num livrinho de capa de oleado e abalou, deixando a dar a dar a porta do guarda-vento.

O Macario veio tirá-lo do assombro:

—Que é isso, amigo Bastinho! Alguma má noticia?

Bastinho hesitava em pôr o compadre a par da sua aventura. Murmurou apenas:

—Hum hum... Negócios, negocios...

Só á noite, novamente entre lençois, é que pôde reflectir bem no que lhe estava sucedendo.

Em dois dias tinha recebido, livres de despezas, mais do que os lucros dum semestre da venda dos curtidos no seu honesto estabelecimento.

Depois recordou todas as palavras do homem e começou a fixar-se naquela frase «conserve o açucar bem arrecadalo!» Ergueu-se sobressaltado, acordou a Urania, pediu o remedio para a diabetes.

—Oh! homem, aquieta-te. Já tomaste hoje o que tinhas a tomar.

—Tens a certeza?

—Tu não andas bom. Não dormes. Tens alguma coisa?

—Hum! hum... Negocios, negocios...—e pôs-se a fingir que dormia.

No dia seguinte não foi ao bilhar para se furtar a encontros desagradaveis; mas, quasi ao puxar da chapa ondulada, apareceu-lhe afogueado o *«socio»:*

—Ainda bem que o encontro. Tenho grandes novidades; o *Consórcio do Capilé* abriu falencia. Perdem o sinal que tinham dado. Cem contos. Aqui tem metade. Como o açucar ficou livre; vou vende-lo para a tropa; tenho um secretario de ministros que vai fazer com que mo aceitem. E' verdade: vendi já o carvão, metade em dinheiro, metade em farinha. Pagam-me amanhã... A propósito, onde é que você tem o açucar?

—Isso tambem eu queria saber...—disse amarelo e a sorrir o Bastinho...

—Não quere dizer? Está bem. Tambem não preciso dele por enquanto. Mas que você foi previdente, não há duvida... E' assim que se fazem fortunas... Comerciante antes de tudo... Isso deve estar-lhe na massa do sangue...

—Hum! Hum... Talvez... Talvez—resmungou o Bastinho...

Outra noite e mais outras passou o honesto comerciante de cabedais em pavorosas visões. Via-se preso duma formidavel organização de vendedores, industriais, comerciantes, que o torturavam para ele dizer onde tinha escondido o açucar que a população inteira em bichas ás portas das mercearias esperava impacientemente.

Depois fugia, escondia-se, com os cofres cheios de notas de contos de reis, para não ser alvo de perseguições de todos os conhecidos e desconhecidos que lhe atiravam á cara o nome vil de *açambarcador*. Outras vezes era o *socio*, a aparecer-lhe em sonhos; ordenava a colocação de grandes seringas de vidro a picar-lhe o corpo todo e com as quais lhe extraia o açucar que era despejado para grandes galeras presta a partir para satisfazer as encomendas...

Ao fim de quinze dias, Artur Bastinho, em perfeita demencia melancolica, daria entrada num manicomio, se a *sociedade* se não tivesse desfeito.

Já tinha sabido que a farinha fôra vendida, e recebido em troca um *stock* de bacalhau e pechelim (ele sabia lá o que era pechelim), que o governo autorizara a importação de açucar do Canadá, e, outros grandes acontecimentos comerciais e industriais do país, quando o socio lhe propôs uma liquidação de lucros amigavel.

—Como o preço do açucar baixou 90 0/0, eu voltei a comprar o açucar que temos em deposito. Ganhamos só nisso 800 contos. Para a tropa forneci 500 sacos de pó de jaspe em substituição do açucar.

—Mas isso é...

—E' um acto de boa administração. Se o café da manhã fôr dôce as tropas bebem mais, o que desiquilibra o orçamento! Nada de doçuras no exercito!! De forma que se você quizer, fica com metade dos lucros do negocio total, e eu com o produto da venda do carvão e da farinha... Deve andar ela por ela...

—E o açucar?

—Fica você outra vez com ele... Agora, com a importação vale pouco...

—Hum... Hum... Evidentemente... Mas, pelo sim pelo não, vou ver se o elimino...

* * *

Olhou Artur Bastinho para a estatueta do *Deus Comercio*, a correr em cima da roda da fortuna e, ou por deficiencia óptica motivada pela diabétes, ou por sugestão da complicada vida de negociante que ultimamente levara, viu a ródinha da fortuna a girar...

Fez as contas; tinha conseguido perto de mil contos, estava livre de compromissos sem sequer ser preso e, principalmente, tinha aprendido ao medir cautelosamente as palavras. Foi a fazer

—Hum... hum... evidentemente...

que aqueles mil contos tiveram uma descendencia sempre a multiplicar-se, e Artur Bastinho passou a fazer parte da Direcção do Gremio dos Industriais de Peles Curtidas, foi sócio de dezenas de firmas nas quais todos perdiam menos ele, e por fim entrou para o Banco da Industria, onde o seu abalisado parecer era muito considerado, pois cada qual interpretava a seu modo o

—Hum... Hum... evidentemente...

Quando se mudou para a Patriarcal, onde adquiriu o palacete do arruinado visconde de Vida Alegre, não só deixou na Rua dos Fanqueiros, a tradição de grande comerciante, mas o *h*, que dava ao seu nome um aspecto romantico, para passar a ser apenas homem prático, financeiro e influente; enfim o Artur Bastinho.

Quem escreveu

o «Abassinórum Rebus»?

«Sr. Director:—Tenho a honra de solicitar o favor da publicação, ainda que seja ao «tipo» mais meudo usado no *Suplemento Literario* do conceituado jornal de V. a justificada réplica que, a noticia, publicada no mesmo Suplemento Literario e subscrita pelo sr. Ernesto Soares, sob o titulo «Quem escreveu o Abassinórum Rebus?», me impõe desde já eu faça, uma vez que o meu nome, nela é citado sob injusta censura.

Assim, assiste-me, simultaneamente, o dever e o direito de publicamente dizer:

1.º—Pena é que o sr. Soares (tão tardiamente solicito, como se mostra hoje, passadas que são já três semanas... sobre a oportuna pregunta do ilustre Redactor do *Suplemento Literario* do «Diario de Lisboa» de 22 do mês p. p., *e á qual eu respondi, logo dois dias depois, identificando o autor do «Abassinórum Rebus,* numa carta que amavelmente foi classificada de «interessante» por quem lançara a pregunta) não houvesse feito antecipar, á minha laconica e singela «informação», a sua extemporanea «noticia» de 13 do corrente, onde afinal... nada vejo que possa interessar, em maior grau de utilidade do que eu o fiz, aos leitores do mesmo *Suplemento*, convêncido, então, como ainda estou, de que satisfaria a curiosidade publica, limitando-me, como me limitei, a reproduzir, na integra, os resumidos dados bio-bibliograficos que colhi, é certo, no «Dicionário Portugal» e na «Enciclopédia Portuguesa Ilustrada» de Maximiano Lemos (e não de Lemos), por mais á mão consultaveis... mercê do obséquio de um vizinho Amigo meu, possuidor de uma escolhida biblioteca. Sim: eu julgo não errar, nem causar melindre... atribuindo aos leitores não eruditos, indiferença justificada por obras que não saibam traduzir, como infelizmente, entre nós, a começar por mim proprio, sucede, especialmente com as de textos latinos e em outras «linguas mortas».

2.º—Consólo-me com o saber que muitos leitores não eruditos (e eu, na minha primeira carta, comecei por declarar: «sem a pretensão de me inculcar erudito...») e muitos verdadeiros eruditos, dão lugar de honra, e sempre á mão... áquelas utilissimas obras de consulta bio-bibliográfica; porquanto, conhecedor como era, eu, já, do nome do ilustrado autor que se pretendia identificar (e essa descoberta devo-a á consulta do meu «canhenho» de anotações bliográficas, de que me faço acompanhar, sempre que entro, para estudar, numa bibliotéca qualquer) fácil me foi antecipar-me ao retardatário sr. Soares. E este facto é para lastimar, até porque póde haver quem (que não eu), suspeitando de tanta demora, da parte daquele senhor, passe a desconfiar que ele (o sr. Soares) só recorreu ao erudito e benemerito bibliógrafilo Padre Diogo Barbosa Machado, depois de «descobrir», por intermédio da minha primeira publica carta, o nome do autor do «Abassinorum Rebus».

3.º—Não necessitava, o sr. Soares, transformar o sentido das minhas palavras, para publicamente manifestar a sua ciencia e erudição, porquanto, no que se refere ao Dicionário Bibliográfico de Inocencio, eu declarei que nenhuma referencia se fazia, nem ao nome, nem á obra em questão...

4.º—Como eu prefiro ler, as obras de Portugueses, em português, muito lisonjeado ficaria se esta justificada carta tivesse o condão de despertar, no cioso espirito do erudito sr. Soares, a muito util idéa de traduzir, mas para publicidade e satisfação dos espiritos não eruditos, como o meu, a tão já reclamada obra do consagrado escritor nosso afastado compatriota, Nicolau Godinho que, como membro da Companhia de Jesus, chegou a ser, em Roma, revisor dos Autores da mesma tão respeitada Companhia. Com esta sugestão minha, creio, ficarão de acôrdo todos os assiduos leitores do *Suplemento Literario* do «Diario de Lisboa» e rejubilará o proprio sr. Soares, cujo nome muito lastimo (e pessoa) não me ter sido dada oportunidade de conhecer, antes da publicação da minha primeira carta, pois de contrario, em vez de a outra qualquer erudita fonte, teria sido á «sua» que eu teria ido beber.

5.º—Termino por onde deveria, talvez, ter começado, agradecendo, ao sr. Soares, a graciosa lição que pretendeu, talvez, dar-me, sem que eu lha houvesse pedido, o que o torna mais credor do meu publico reconhecido, ao qual devo acrescentar, sem má intenção, o conceito do velho adágio, que decorei, quando aprendi Latim, no Colégio Arriaga, com o falecido e saudoso, e erudito Padre Guerra: «Antequam moveris, á Laudando, & Vituperando Abstine»; e pondo á disposição do sr. Soares as anotações bibliograficas que tenho colhido, no meu desmantelado «canhenho», nas bibliotécas publicas de Evora, Lisboa e das de algumas das principais Cidades das quatro partes do Mundo, que tive a feliz oportunidade de visitar, quer em missões de estudo profissional (as Musas nunca fizeram mal aos Doutores) quer como simples turista.

E antecipando os meus melhores agradecimentos, a V. pela publicação desta carta, subscrevo-me, com os protestos da minha maior consideração—15 de dezembro de 1935—De V., etc.—*Alvaro de Noronha e Castro*».